ESPECIAL

A era do ódio e da intolerância nos EUA

ISTOÉ

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA
8 FEV/2016 - ANO 40 - Nº 2460 R$ 15,00

PELO FIM DO SIGILO NAS DELAÇÕES

O Brasil não suporta mais os vazamentos a conta-gotas. É hora de tornar público os depoimentos dos delatores. Só assim, a Lava Jato cumprirá o seu papel: passar o País a limpo, pacificar a nação e fazer a economia voltar a crescer

CARLOS ERNESTO FERREIRA STARLING

O infectologista mineiro Carlos Ernesto Ferreira Starling, 59 anos, pratica a medicina há 34 anos. Nessas mais de três décadas, aprendeu muito sobre a dinâmica das epidemias e as melhores formas de combatê-las. Com base em toda sua experiência, o especialista é categórico ao afirmar que, também nesse quesito, o Brasil está perdendo de lavada. "Não existe um trabalho contínuo de prevenção. Há uma mobilização na hora da crise, mas depois as ações param", critica. Por essa razão, ele acredita que o País ainda irá conviver durante anos com o Aedes aegypti, o mosquito transmissor dos vírus responsáveis pela dengue, chikungunya, zika e febre amarela. "Ele veio para ficar", afirma o médico, professor da Faculdade de Saúde e Ecologia Humana, em Belo Horizonte, e assessor da Sociedade Brasileira de Infectologia. Até a semana passada, 52 pessoas haviam morrido por causa da febre amarela nesse novo surto.

Por Cilene Pereira

"AS EPIDEMIAS ESTÃO DANDO DE 7 X 1 NO BRASIL"

ERRO O médico critica a falta de continuidade nas ações de prevenção das doenças

FOTO: MARCUS DESIMONI/NITRO

O Brasil está merecendo o título de o País das epidemias?
Com certeza. É um título que não gostaria que nosso País tivesse, mas infelizmente ele faz parte da nossa realidade. Ela tem mostrado que somos o país das epidemias e reagimos paquidermicamente a elas.

Como classifica a situação?
As epidemias estão dando de 7 x 1 no Brasil.

Por que chegamos a isso?
O que estamos vivendo é o reflexo da fragilidade do sistema de saúde pública e do descaso com que ela é tratada há décadas. Veja o surto de febre amarela, uma doença evitável por vacina. É um desrespeito ao brasileiro.

"É necessário que haja grande melhoria no processo regular de vacinação da febre amarela para que a cobertura fique acima de 80% da população"

O que está errado no controle da febre amarela?
Houve um descontrole na cobertura vacinal, com baixo índice de vacinação. Em Belo Horizonte, o total dos moradores imunizados não passa da metade. A baixa cobertura vem acontecendo pelo menos nos últimos dez anos. A vacina está no calendário, é feita aqui. Não há justificativa para isso.

Mas o problema existe. Como explicá-lo?
Há uma descontinuidade administrativa impressionante. Nós, especialistas, tínhamos noção de que isso poderia acontecer e repassávamos as informações às autoridades de saúde.

Que retorno recebiam?
Com as constantes trocas de governos e responsáveis pela área, a interlocução das sociedades científicas fica muito fragilizada. Ninguém ouve nada. Entra prefeito inimigo do outro, acaba com os programas, demite os agentes de saúde... Vemos isso diariamente.

O senhor recomenda a vacinação em massa?
Não. Mas é necessário que haja uma grande melhoria no processo regular de vacinação das pessoas para que a cobertura fique acima de 75% a 80% da população, incluindo as cidades do interior de médio porte que estão próximas a áreas rurais.

Que tipo de medida pode ser implementada?
Falta informação. Algumas das pessoas que morreram de febre amarela se expuseram sem estar vacinadas, se deslocaram para regiões de risco sem a menor orientação. Achar que entregar um cartãozinho de registro de vacinas para os cidadãos é suficiente é querer demais. O controle no nosso CPF, dos nossos impostos, é muito bem feito, diferentemente do que acontece com uma doença que é um enorme problema de saúde pública, porém plenamente evitável.

Há outros problemas práticos atrapalhando o combate da doença?
É muito importante ter o controle da temperatura no armazenamento, transporte e aplicação das vacinas. Se a temperatura estiver errada em uma dessas etapas, se faltar luz e não tiver gerador, elas se perdem. Ter a garantia de que isso não acontecerá é vital. Caso contrário, muita gente pode até achar que está vacinada, mas não está.

Qual a chance de a febre amarela chegar às grandes cidades?
O risco é real. Se a atividade do Aedes aegypti (transmissor do vírus na zona urbana) está disseminada pelo País, por que ele não começaria a transmitir também o vírus da febre amarela?

O senhor considera adequadas as medidas que estão sendo tomadas de forma emergencial, como a ampliação da vacinação?
Neste momento é o que pode ser feito.

Tornou-se comum os governos se mobilizarem apenas em épocas de emergências. O que acha disso?
Ao longo das últimas duas décadas, o que houve foram respostas espasmódicas aos problemas. As reações acontecem nos momentos críticos, mas as ações não têm continuidade. Lida-se com as epidemias de maneira pontual. O sistema nunca é pró-ativo no sentido de fazer um combate de longo prazo.

Qual o papel da população nisso?
É importante, sem dúvida. Mas as pessoas não têm muito como lidar com isso. Sempre jogamos para a população a responsabilidade de controlar um problema que tem participação vital do Estado. Por que campanhas gerais sobre a Aids são feitas só no carnaval? Da mesma forma, alertas para evitar a proliferação do Aedes e sobre a febre amarela nas áreas de risco deveriam ser dados constantemente.

Por que as autoridades de saúde adotam esse comportamento, independentemente do gestor público em ação?
Costumo dizer nas minhas aulas que a definição de surto no Brasil é quando a imprensa noticia. Aí vira surto. O corre- >>

FOTOS: RENATO S. CERQUEIRA/FUTURA PRESS; AP/FELIPE DANA

to seria manter vigilância epidemiológica rigorosa, orientada por indicadores. Isso é ciência. E ciência não pode ser pautada por política ou pressão. Quando isso acontece, o resultado é o que vemos: epidemias de dengue, zika, chikungunya, surtos de sífilis, coqueluche, caxumba. É um vexame brasileiro.

O senhor acredita que, por tudo isso, ainda vamos conviver por muitos anos com o Aedes (também transmissor dos vírus da dengue, chikungunya e zika)?

Vamos. Ele veio para ficar. É só olhar a curva de crescimento da dengue a cada ano. Falta coleta de lixo regular, as condições de moradia são ruins, o País ainda convive com falta de saneamento básico. Não é à toa que a maior concentração de casos está nas regiões mais pobres. A presença do mosquito é um indicador da nossa incompetência gerencial, da falta de saneamento, de ações efetivas de saúde.

Nesse cenário, o que se pode esperar sobre a evolução da chikungunya?

É uma enorme preocupação. Temos alertado para a explosão de casos. A população está vulnerável. E se trata de uma doença que gera uma morbidade absurda. Ela compromete a força de trabalho, aumenta os custos por afastamento de forma devastadora. Boa parte dos pacientes sofre consequências durante meses, com muitas dores.

E a zika?

Essas doenças têm caráter cíclico, com incidências que flutuam. Mas a tendência é de aumento porque não temos imunidade e a vacina não está disponível. Além disso, há preocupação em relação aos casos da síndrome de Guillain-Barré (doença neurológica) associados à zika. Trabalhos mostram que os casos poderão suplantar a capacidade de atendimento das nossas UTIs. Essas doenças irão gerar uma demanda que o sistema não está preparado para suportar.

Mas a chegada da vacina contra a dengue e a perspectiva da criação de vacinas contra a zika e a chikungunya melhoram ao menos um pouco este cenário.

Sim, mas como mostra o exemplo da febre amarela, não basta ter uma vacina se não há programa de cobertura vacinal adequado.

O programa de combate à Aids brasileiro já foi modelo mundial. Por que iniciativa semelhantes não foram repetidas contra problemas crônicos de saúde nacionais?

O programa de Aids é uma exceção no País. Foi muito bem implementado. Mas vamos lembrar que o poder de pressão dos pacientes com Aids é muito maior do que aqueles que são vítimas de doenças como a dengue ou zika. Você já ouviu falar de alguém famoso que morreu de febre amarela?

O senhor então acha que, aos olhos do Estado, este cidadão vale menos?

Sim. Isso é nítido em um Estado que gerencia a saúde por pressão, que joga para a torcida. Faz parte do vexame.

Mesmo após tantos anos lidando com epidemias, ainda há médicos que não conseguem fazer o diagnóstico correto das doenças ou sequer uma avaliação dos casos que necessitam de mais cuidado. Em que medida o despreparo médico contribui para o agravamento da situação?

A formação médica se deteriorou muito. E as endemias são mal abordadas nas faculdades. Além disso, os recursos diagnósticos são muito ruins. E se eles não estiverem disponíveis, não adianta culpar o médico. Ele pode até suspeitar da doença, mas não a comprova.

Qual a explicação para o crescimento de casos de doenças sexualmente transmissíveis, como a sífilis?

As pessoas estão tendo relação sexual sem preservativo. As campanhas de informação são muito fracas. Em relação à Aids, vejo o crescimento de casos entre pessoas mais jovens. O trabalho de informação a respeito dessas doenças deve começar na escola primária.

O senhor acha que o brasileiro se acostumou com epidemias, como se elas fossem banais?

Não diria que se acostumou, mas ao longo dos anos ele não tem tido outra opção a não ser viver com isso. Não sabe o que é viver sem uma tragédia. Isso é o mais triste e representa um dos marcadores mais terríveis do subdesenvolvimento: não saber o que é viver sem a tragédia do dia a dia.

Como o senhor se sente, como médico, ao perder pacientes para doenças que poderiam ter sido prevenidas com vacinas?

É uma sensação muito grande de derrota. Ser vencido por algo que poderia ter sido evitado é muito ruim. Não podemos nos acostumar com isso, nem a população, nem os profissionais de saúde. ■

"O Aedes veio para ficar. Sua presença no País é um indicador da nossa incompetência gerencial"

EDITOR E DIRETOR RESPONSÁVEL
DOMINGO ALZUGARAY
EDITORA
Cátia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

ISTOÉ
DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques
DIRETOR DE NÚCLEO
Mário Simas Filho

REDATORES-CHEFES: Amauri Segalla e Sérgio Pardellas
EDITOR EXECUTIVO: Antonio Carlos Prado
EDITORES: Celso Masson, Cleme Pereira, Débora Crivellaro e Germano Oliveira
REPÓRTAGEM: Alan Rodrigues, Camila Brandalise, Elaine Ortiz, Fabiola Perez, Ludmilla Amaral e Raul Montenegro
COLUNISTAS E COLABORADORES: Leonardo Attuch, Paula Alzugaray, Ricardo Boechat

SUCURSAIS
BRASÍLIA: Diretora: Débora Bergamasco **Editor:** Aguirre Talento **Repórteres:** Ary Filgueira
Administrativo: Dionys Santos e Suely Melo
RIO: Chefe: Eliane Lobato **Repórteres:** Igor Costa e Ronaldo Herdy **Secretária:** Sheila Marques
Assistente de produção: Fernando C. Fonseca

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Marcos Marques
EDITOR DE ARTE: Christian Toledo Cecilio **DESIGNERS:** Carolina Gandara, Gerson Nascimento, Nilton Spindola de Souza e Wagner Rodrigues
ILUSTRADOR: Nilson Cardoso de Sá
PROJETO GRÁFICO: Marcos Marques

ISTOÉ ONLINE: Editora executiva: Gabriela Dobner **Editor:** João Loes **Reportagem:** Ana Carolina Nunes, Gabriela Araújo, Tulio Kruse

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Frederic Jean
Pesquisa: Marili Tiemi Hirota **Arquivo:** Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Daniel Costa **(Chefe)**

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo **Assistente:** Cláudio Monteiro
Auxiliar: Lucio Fasan

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Diretor de Vendas Pessoais: Wanderlei Quirino
Gerente On Line e Projetos Especiais: Solange Chiarioni
Gerente de Venda Avulsa e Logística: Luciano Sinhorini
Gerente Geral de Planejamento: Reginaldo Marques

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira das 9h às 20h30.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

MARKETING
Diretor: Rui Miguel
Assistente de Marketing: Andréia Silva

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Mauricio Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Diretoras de Publicidade:** Ana Dinz e Ticia Cunha **Assistente:** Valéria Esbano **Gerentes executivos:** Batista Foloni Neto, Eduardo Nogueira, João Fernandes, Luiz Sérgio Siqueira e Regiane Valente. **Executivos de Publicidade:** Andréa Pezzuto, Elizangela Simões, Luciano Tomaz e Tânia Marcena **Executiva de Negócios Mídias Digitais:** Carla Dubinskas **Coordenador:** Gilberto di Santo Filho **Assistente Adm. de Publicidade:** Edersondo Amaral **Contato:** publicidade@editora3.com.br **RIO DE JANEIRO – RJ: Gerente executivo:** Felipe Drummond **Coordenadora de publicidade:** Dilse Oumar. **Tel.:** (21) 2107-6667. **Fax:** (21) 2107-6669 **BRASÍLIA – DF: Gerente:** Marcelo Strufaldi. **Tel.:** (61) 3223-1205 / 3223-1207. **Fax:** (61) 3223-7732. **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante - Gabinete de Mídia - **Tel.:** (79) 3246-4199 / 9978-8952 – **BELÉM – PA:** Gloria Diocesano - Dandara Representações. **Tel.:** (91) 3242-3387 / 8125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira - la Página Publicidade Ltda. **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros - Parlare Comunicação Integrada - **Tel.:** (19) 8238-8808 / 3579-8808 – **CURITIBA – PR:** Maria Marta Graco - M 2C Representações - **Tel./fax:** (41) 3223-0060 / 9962-9554 – **FLORIANÓPOLIS – SC:** Anuar Pedro Junior e Paulo Velloso - Comtato Negócios - **Tel.:** (48) 9986-7640 / 9989-3346 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 9724.4912 / 8832.2367 / 3038.2038 – **GOIÂNIA – GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570 / (62) 9221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Thiago Soli - RR Gianoni Comércio & Representações Ltda - **Tel./fax:** (51) 3388-7712 – **RECIFE – PE:** André Nicolau e Eduardo Nicolau - Nova Representações Ltda - **Tel./fax:** (81) 3227-3433 / 9164-1043 / 9164-8231 – **RIBEIRÃO PRETO – SP:** Andréa Gebin - Parlare Comunicação Integrada - **Tel.:** (16) 3236-0016 / 8144-1155 – **VILA VELHA – ES:** Didimo Effgen - Dicape Representações e Serviços Ltda - **Tel./fax:** (27) 3229-1986 / 8846-4493 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria - GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda - **Tel.:** 55 (11) 99163-3062 **Marketing Publicitário – Gerente:** Maria Bernadete Machado. **Assistentes:** Marilia Gambaroe Marilia Trindade. **Criação - Redator:** Bruno Modolo. **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira

ISTOÉ (ISSN 0104 – 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088. São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP **Sucursal no Rio de Janeiro:** Av. Almirante Barroso, 63, sala 1510 **Tel.:** (21) 2107-6650 – **Fax:** (21) 2107-6661 **Sucursal em Brasília:** SCS, Quadra 2, Bloco D, Edifício Oscar Niemeyer, sala 201 a 203. **Tel.:** (61) 3321-1212 – **Fax:** (61) 3225-4062. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Distribuição exclusiva em bancas para todo o Brasil:** Dinap Ltda. – Distribuidora Nacional de Publicações, Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, nº 1678, CEP 06045-390 – São Paulo – SP **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

ANER
www.aner.org.br

Cartas

>> Capa

Que a presidente do STF, ministra Cármen Lúcia, tenha sensatez e pulso firme ao conduzir a Lava Jato e que consiga enquadrar essa corja que tomou de assalto o País. O Brasil precisa ser passado a limpo. "A nova voz da República" (ISTOÉ 2459)

Luiz Dallo
Caxias do Sul - RS

É admirável a postura firme e assertiva de Cármen Lúcia. Ela mostra a que veio ao prezar pela ordem e deixar claro que não há vácuo no jogo de poder em Brasília.

Maria de Lourdes Rodrigues
Ponta Grossa - PR

Informo que jamais ocorreu o diálogo entre mim e a ministra Cármen Lúcia relatado na matéria "Do Supremo cuido eu". Fui ao velório do ministro Teori Zavascki para honrar a sua memória e confortar os familiares e não tratei com ninguém da Operação Lava Jato ou da sucessão do ministro Teori. Em meu breve contato com a ministra Cármen Lúcia no velório, limitei-me a transmitir meus pêsames. A fonte da reportagem, no que refere ao suposto diálogo, está totalmente equivocada.

Sergio Fernando Moro
Juiz Federal

>> Comportamento

O ex-jogador de futebol e agora senador Romário entrou para a história ao conquistar o tetracampeonato com a seleção brasileira em 1994. Que ele se recupere dessa cirurgia na qual emagreceu dez quilos e volte a ficar saudável. "Cirurgia polêmica" (ISTOÉ 2459)

Waldomiro Ungaretti
Campinas - SP

>> Sociedade

Eventos como o Carnaval não deveriam depender de dinheiro público, no máximo uma pequena participação. Talvez uma solução seja o envolvimento da iniciativa privada para que, assim, a festa não seja cancelada em tantas cidades. "Crise na folia" (ISTOÉ 2459)

Kinho Batlle
São Paulo - SP

Cartas para esta seção, com endereço, número do RG e telefone, devem ser remetidas para: Diretor de Redação, ISTOÉ, Rua William Speers, 1.088, Lapa, São Paulo, CEP 05067-900. FAX: (11) 3618-4324. As cartas poderão ser editadas em razão do seu tamanho ou para facilitar a compreensão. CORREIO ELETRÔNICO: cartas@istoe.com.br

Editorial

Carlos José Marques, *diretor editorial*

AONDE VAMOS CHEGAR?

O que Donald Trump está fazendo contra a humanidade é abominável. Revive conceitos discriminatórios dos tempos do nazifascismo. Persegue opositores. Ataca chefes de estado contrários a ele (o mexicano Peña Nieto e o primeiro-ministro australiano, Malcolm Turnbull, já foram alvo de sua ira). Estabelece a xenofobia populista como política de governo. No seu desvario foi capaz de ameaçar inclusive a ONU com retaliações, caso ouvisse dela protestos a seus atos. Joga com a força financeira. Mais da metade do orçamento anual de US$ 5 bilhões da organização é bancada pelos cofres americanos. Seu tom histriônico nos discursos assusta o planeta. As deliberações estabanadas, sem consultar ninguém - nem mesmo os advogados do Conselho de Segurança Nacional foram ouvidos a respeito dos vetos migratórios, como é praxe - denotam o despreparo evidente. Trump pratica um atentado incomensurável à liberdade dos povos quando proíbe a entrada de estrangeiros de sete países mulçumanos nos EUA. Intolerância racial, de credo ou origem parecia coisa do passado, execrada entre aqueles que pregam as melhores práticas civilizatórias. Mas Trump teima em colocá-la na ordem do dia. Ao insistir na medida insana fere a Convenção de Genebra e os próprios princípios democráticos americanos. Tribunais locais já estão respondendo à altura. Empilharam inúmeras sentenças favoráveis àqueles que foram barrados nas fronteiras. Nos aeroportos e ruas das cidades os protestos tomaram conta. Um clima de confronto e radicalização dos ânimos prevalece. E a temperatura não para de subir. O caso de um garoto de cinco anos algemado e detido no aeroporto, mesmo tendo sido identificado como cidadão americano, residente em Maryland, chocou o mundo. O senador Chris Van Hollen classificou o incidente como "ultrajante". A resposta do porta-voz de imprensa da Casa Branca, Sean Spicer, veio em tom de deboche: "seria um equívoco descartar uma pessoa como ameaça apenas por sua idade ou sexo". Correligionários e até simpatizantes do recém-empossado presidente começam a se arrepender do apoio dado. Muitos dizem que Trump caminha para o isolamento inexorável. Uma coisa parece certa: está ficando claro para a maioria que ele vai precisar de algum tipo de tutela ou orientação mais firme das instituições americanas que zelam por valores históricos consagrados nos EUA, como o da ampla integração com demais culturas e países. Os EUA são essencialmente uma nação de imigrantes. O avô de Trump é um imigrante. Assim como a atual mulher e mesmo a anterior. O contrassenso de suas restrições não encontra respaldo nem mesmo entre os titãs da iniciativa privada, que passaram a rechaçar, via comunicados públicos, qualquer movimentação nesse sentido. Patriotas fervorosos pregam que o sonho americano não acabou, apesar de Trump trabalhar na direção contrária. Na toada nacionalista e protecionista ele estaria, isto sim, testando os limites da paciência dos eleitores que lhe deram suporte. Brinca com fogo, numa receita que pode levá-lo ao maior desastre administrativo de todos os tempos, desde que George Washington cravou os pilares da Constituição americana. O antecessor de Trump, Barack Obama, além de fazer coro às manifestações, alertou que os fundamentos americanos estão em jogo. Trump, na sua fé ególatra e absoluto desprezo à opinião alheia, redobra a aposta na beligerância enquanto o planeta reage estupefato.

FOTO: CARLOS BARRIA/REUTERS

Sumário

Nº 2460 - 8 de fevereiro 2017
ISTOE.COM.BR

INTERNACIONAL Como o presidente dos EUA, Donald Trump, está ajudando a forjar uma nova era de ódio e intolerância

CAPA Por que é preciso acabar com o sigilo dos depoimentos dos delatores da Lava Jato

BRASIL Conheça o dia a dia de Eike Batista – que já foi o homem mais rico do Brasil – no presídio de Bangu, no Rio de Janeiro

Entrevista	10
Cartas	16
Semana	22
Brasil Confidencial	24
Coluna do Boechat	26
Brasil	30
Comportamento	62
Em Cartaz	72
Última Palavra	74

CULTURA A atriz Emma Stone, que na adolescência sonhava em conquistar Hollywood, é premiada pelos colegas e desponta como favorita ao Oscar

Você também pode ler ISTOÉ baixando a edição em seu Smartphone e tablet

Available on the App Store

ANDROID APP ON Google play

por Amauri Segalla

A seguir: Sérgio Pardellas, Antonio Carlos Prado, Mário Simas Filho

ATENÇÃO, HATER: É HORA DE CALAR A BOCA

Eu não gosto de Donald Trump, acho a direita extremista uma droga, abomino a homofobia, a pena de morte, a redução da maioridade penal e a repressão de qualquer tipo, inclusive da polícia que bate em estudantes. Defendo os direitos humanos, a agenda feminista, a descriminalização das drogas e a diversidade de ideias, até aquelas que são diferentes das minhas.

E aí, vai me xingar?

Os haters, aquela turma que dissemina o ódio, dominaram o mundo. Basta contrariá-los para ser alvo de uma fúria cega, sem sentido. Apanhei na internet quando escrevi uma reportagem que questionava Trump. Li insultos aos jornalistas da ISTOÉ depois que publicamos um texto que criticava a concentração de renda. Vi comentários racistas em redes sociais. Descobri que os haters amam a violência mais do que qualquer outra coisa.

Não é preciso muito esforço para entender por que chegamos a tal ponto. A violência faz parte da história humana. Destruir o outro em vez de aceitá-lo é o nosso negócio. Antes da internet, esse lado obscuro andava reprimido. Com ela, ganhou voz.

O grande Umberto Eco definiu a questão em um comentário que se tornou famoso. Nunca é demais recorrer a ele: "As mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade. Diziam imediatamente a eles para calar a boca, enquanto agora eles têm o mesmo direito à fala que um ganhador do Prêmio Nobel. O drama da internet é que ela promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade".

Serviu a carapuça? Se você é um desses haters, por que não fica quieto em vez de escrever bobagens na internet? Por que não tenta construir algo de positivo antes de detonar quem pensa diferente? Por que não analisa todos os ângulos da questão no lugar do pensamento único, pobre, maniqueísta?

A violência faz parte da história humana. Destruir o outro em vez de aceitá-lo é o nosso negócio

Prefiro rock a música gospel, mas não preciso odiar quem troca Bob Dylan por Davi Sacer, nem me sentir superior por uma bobagem dessas. Aposto que há gente boa e gente péssima dos dois lados. Prefiro cinema a teatro. O inverno ao verão. J. D. Salinger a Paulo Coelho. Raymond Carver a Rubem Braga.

E daí? Você não tem que me esculhambar nas redes sociais por achar minhas preferências uma porcaria.

Se for para falar barbaridades, é melhor calar a boca.

por

A seguir:

O IRRESISTÍVE DOS POPULIST

Até mesmo os mais esclarecidos não resistem à promessa de uma vida melhor sem sacrifícios. Populistas prosperam explorando muito bem nossas raivas, medos e frustrações. Carismáticos, eles estimulam o culto às suas figuras de salvadores da pátria. Para reconhecê-los é só verificar se surgiu algum movimento batizado em sua homenagem – como Getulismo, Peronismo, Macartismo, Kirchnerismo, Chavismo, Malufismo, Lulismo ou, mais recentemente, Trumpismo. Populistas não têm ideologias. Eles as manipulam em benefício próprio. O que os distingue de outros políticos são a capacidade de diagnosticar a dor de muitos e de prescrever tratamentos indolores, porém tão eficazes quanto um tiro na testa.

A receita para salvar a nação e sua população é sempre parecida. Começam taxando produtos estrangeiros e impedem a entrada de imigrantes para "proteger empregos e segurança de seus cidadãos". Em seguida, aumentam gastos do governo com políticas sociais, funcionalismo e/ou infraestrutura. A população sentirá inicialmente que sua vida melhorou. Para garantir ainda mais crescimento econômico e apoio político, distribuem isenções fiscais.

Eles têm a capacidade de diagnosticar a dor de muitos e de prescrever tratamentos indolores, tão eficazes como um tiro na testa

Ricardo Amorim

Ana Paula Padrão, Bolívar Lamounier, Fábio Porchat

EL CHARME TAS

Para terminar, demonizam as minorias. São os famosos culpados de sempre. Gente que quer impedir o "progresso" que o iluminado vai trazer. Seus demônios favoritos são "as elites", os chineses, mexicanos, muçulmanos, judeus, homossexuais, negros, asiáticos, latinos....

Pronto. O Populista vai curtir alguns anos de euforia com sua poção mágica. Os estímulos aceleram o crescimento e aumentam o bem estar, gerando confiança, o que impulsiona ainda mais a economia.

Alguns anos depois - ou diversos se as condições externas o ajudarem - a conta chega. Preços dos produtos e custos de produção aumentam com sobretaxa a produtos importados e salários mais altos, alimentando a inflação. Isso causa alta dos juros e redução do crédito, limitando consumo e investimentos e piorando os resultados das empresas, o que as leva a demitir funcionários. Mais desemprego e menos consumo causam mais desemprego, em um círculo vicioso. Gastos públicos e menos arrecadação de impostos provocam um déficit fiscal descontrolado, minando a confiança no governo em honrar seus compromissos, causando fuga de capitais e uma crise financeira, aprofundando a recessão. Para completar, pipocam os escândalos de corrupção, frutos da relação distorcida entre governo e setor privado.

Qualquer semelhança com o legado da "Nova Matriz Econômica" Dilmista não é mera coincidência... nem com o que está sendo construído pelo "Make America Great Again" de Donald Trump.

por Murillo de Aragão

A seguir: Marco Antonio Villa

O IMPÉRIO DA CORTE COLEGIADA

O julgamento do Mensalão significou o início de um período de abalos marcante em uma das características mais essenciais e necessárias em uma Suprema Corte: o poder institucional do órgão colegiado. De lá para cá, o protagonismo das decisões monocráticas ganhou espaço, alavancadas tanto por eventuais debilidades institucionais da Corte quanto pelo comportamento personalista de alguns ministros. Com o devido estímulo da "midiatização" do processo judicial. Com a eclosão do Petrolão, o que era grave ficou seriíssimo. Nesse quadro, a perda do grande brasileiro Teori Zavascki é de se lamentar profundamente. Zavascki era um juiz discreto e corajoso. Tinha coragem para desagradar gregos e troianos e para não se pautar pela excitação midiática. Os réus da Lava Jato que serão julgados pelo STF devem estar preocupados com a sua perda.

Edson Fachin, como novo relator da Lava Jato, deverá manter as mesmas características de Teori

Teori atuava com a parcimônia e a discrição imprescindíveis ao cargo. Não buscava o aplauso fácil. Tomou decisões com as quais, pessoalmente, não concordo, como apoiar a prisão de réus condenados em segunda instância. Porém, sempre defendeu suas posições com grandeza, desprendimento e convicção. Edson Fachin, como novo relator da Lava Jato, deverá manter as mesmas características de Teori. Também no que se refere à nomeação de um novo ministro para a Corte, esperamos que a escolha não perca de vista as qualidades de Teori. Não basta ser um jurista e/ou um magistrado para ocupar a vaga. É preciso que o escolhido seja alguém que, além de preparado e experiente, saiba que o STF não deve ser Corte de onze juízes, mas um organismo colegiado que proteja a Constituição.

Dada a gravidade do momento - tanto pela súbita morte de Teori quanto pela relevância das investigações em curso -, o STF deve, ao longo da reflexão que faz sobre o infausto acontecimento e seus desdobramentos, pensar muito sobre a necessidade de se buscar um substituto com comportamento austero e não espetaculoso.

A reconstrução do capitalismo nacional e do sistema político vai demandar do STF uma responsabilidade nunca testada. Não cabe espaço para protagonismo exacerbado nem para complacência frente ao espetáculo do noticiário. O STF, obviamente, deve avançar com consistência nas questões da Lava Jato dentro do marco constitucional, visando sanear as práticas e as políticas que já não condizem com a vida nacional. Mas, para tal, deve reforçar o seu compromisso com a institucionalidade. Não por meio de palavras que repetem obviedades, mas por atitudes firmes e claras.

Semana

por **Antonio Carlos Prado**

TRAGÉDIA

O vital socorro do Brasil ao Chile, no maior incêndio de sua história

Foi a própria presidente Michelle Bachelet quem publicamente reconheceu: a imediata ajuda do governo brasileiro tornou-se fundamental para que o Chile conseguisse combate o maior incêndio florestal da história do país. O fogo dizimou, ao longo de doze dias, cerca de quatrocentos mil hectares de mata e terra e causou a morte de pelo menos vinte pessoas. Assim que Bachelet solicitou auxílio internacional, o Ministério da Defesa brasileiro, acatando determinação do presidente Michel Temer, enviou para o Chile aviões modelo C-130 Hércules e trinta militares da FAB. Essas aeronaves estão aptas a utilizar o moderno sistema de extinção de chamas denominado "maffs, no qual dois tubos projetam-se pela parte traseira do avião e, numa altitude média de quarenta e cinco metros, despejam cinco tanques de d'água - tal sistema é atualmente considerado, em todo o mundo, um dos mais eficazes no combate a incêndios em florestas, por mais fechadas que elas sejam. Entre as localidades rurais arrasadas está a de Santa Olga, na região do Maule, aproximadamente a trezentos quilômetros de Santiago. Estima-se que, em todo o país, dez mil pessoas tenha perdido suas residências. Assim que as chamas foram controladas, a polícia chilena deteve quarenta e três pessoas, todas acusadas de atearem fogo nas florestas do centro e do sul do país.

62%

DAS LEIS APROVADAS PELO CONGRESSO, DESDE MAIO DO ANO PASSADO, QUANDO MICHEL TEMER ASSUMIU A PRESIDÊNCIA DO PAÍS, FORAM PROPOSTAS PELO PODER EXECUTIVO. ISSO MOSTRA A REVERSÃO DO MARASMO QUE IMPERAVA NO PLANALTO NOS TEMPOS DE DILMA ROUSSEFF, CUJO ÍNDICE FOI DE ***26%****.*

FOTO: ESTEBAN FELIX/AP

25 mil

banhistas foram queimados esse ano por águas-vivas no litoral do Paraná. Isso em 40 dias: média diária de 625 pessoas. Houve aumento de 172% em relação ao verão passado. Motivo: mudança repentina nas correntes marítimas e condições favoráveis à reprodução dessa espécie de animal marinho.

MEMÓRIA

A MORTE DE HELOÍSA FAISSOL

A socialite Heloísa Faissol, 46 anos, foi encontrada morta na sexta-feira 3 em seu apartamento no Rio de Janeiro. Segundo a polícia, não foi homicídio – a hipótese mais provável é a de suicídio, até porque ela atravessava um período de depressão. Heloísa era irmã de Cláudia Faissol e cunhada do cantor e compositor João Gilberto. Escreveu o livro "Mirei no príncipe, acertei no ogro".

MUSEU

Vedete do Rio e do Brasil

BALANÇO DE VISITAÇÃO DO MUSEU DO AMANHÃ, SÍMBOLO DA REFORMA NA ZONA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO. ABERTO HÁ UM ANO, POR ELE PASSARAM 1,4 MILHÃO DE PESSOAS – MAIS QUE O NÚMERO DE VISITAS, SOMADAS, AO MIS (SÃO PAULO), AO MASP E AO MUSEU DE ARTE (RIO).

CARNAVAL

No ritmo do "politicamente correto"

Chegou fevereiro e, junto com ele, a polêmica envolvendo blocos carnavalescos de São Paulo e Rio de Janeiro. O que está dividindo o ritmo são marchinhas antológicas, hoje vistas como politicamente incorretas. Discute-se se podem ou não ser cantadas. A mais alvejada é a famosa "O teu cabelo não nega" (Lamartine Babo, 1955). O trecho criticado: "o teu cabelo não nega, mulata/porque és mulata na cor/mas como a cor não pega, multada/mulata quero teu amor". No embalo desse patrulhamento, espera-se que um dia não seja condenada a maravilhosa "Aquarela do Brasil "(Ary barroso), considerada o segundo hino nacional brasileiro. O trecho com o qual podem encrencar: "meu mulato inzoneiro/vou cantar-te nos meus versos".

FRANÇA

Atentado no Louvre

Não há tempo de respirar. Paris passou a viver novamente, na manhã da sexta-feira 3, um clima de insegurança diante de mais um atentado terrorista. Gritando "Allahu Akbar ("Deus é poderoso", em árabe"), um homem entrou no Museu do Louvre e, munido de facão, feriu um segurança no rosto. Tentou atacar outros quatro guardas mas foi baleado por um policial. Apesar de as autoridades francesas admitirem "que se trata visivelmente de um atentado do terror", as informações sobre o conteúdo de duas bolsas que o agressor carregava ainda eram contraditórias até o início da tarde. Falava-se que em uma delas havia explosivos, falava-se que nenhuma guardava bombas. Uma segunda pessoa foi presa.

por Débora Bergamasco

Colaborou ***Aguirre Talento***

BRASIL Confidencial

PASSAPORTE Henrique Eduardo Alves quer mostrar que não tem intenção de fugir

Melhor avisar

O ex-ministro do Turismo e ex-presidente da Câmara Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN) anda preocupado com as investigações contra si e com um possível pedido de prisão preventiva. Réu em uma ação penal sob acusação de receber propina da Carioca Engenharia em uma conta aberta no exterior, Henrique Alves avisou ao juiz Vallisney de Oliveira, da 10ª Vara Federal do DF, que faria uma viagem ao exterior em janeiro. Após retornar, entregou espontaneamente seu passaporte ao juiz, no último dia 26. "Para que não reste qualquer dúvida, informa também que sua viagem à Europa possui caráter familiar, não se relacionando com qualquer atividade bancária no exterior, uma vez que não possui recursos fora do Brasil", escreveu seu advogado, Marcelo Leal, na petição ao juiz Vallisney.

Não é meu

Em sua defesa prévia, Henrique Alves admite ter aberto a conta no exterior por meio de um escritório uruguaio, mas diz que não tinha poderes para movimentá-la. Mais de R$ 2 milhões foram depositados e o peemedebista diz que não soube de nada. Segundo a defesa, a conta "foi utilizada de maneira inescrupulosa, sem o seu conhecimento".

Antenado

São grandes as suspeitas sobre uma licitação de R$ 3 milhões do Dnit para instalar radares nas estradas pelo país. Pela segunda vez, a Justiça Federal suspendeu o pregão, que se arrasta desde o ano passado. A juíza Camila Parahyba considerou irregular a ausência de estudos para escolha dos locais dos radares e mandou o edital ser refeito.

Ironia do destino

Desde o ano passado, o ex-ministro do Supremo Tribunal Federal Teori Zavascki, morto em um acidente aéreo mês passado, comentava com pessoas próximas suas dúvidas em relação ao sistema de distribuição aleatória do STF. Ele não acreditava que apenas o destino estava se encarregando de encaminhar assuntos de investigação cabeluda para magistrado ideologicamente alinhado com determinado partido.

RÁPIDAS

* Entre dezenas de nomes que estão sendo sugeridos ao presidente Michel Temer para a vaga no Supremo Tribunal Federal, o de Julio Marcelo de Oliveira, procurador do Tribunal de Contas da União, foi descartado. Mesmo tecnicamente sendo uma boa opção.

*** Temer avalia que a escolha poderia alimentar a tese de que o impeachment de Dilma foi golpe e que esta nomeação seria um "prêmio" para o procurador. Foi ele quem apontou as pedaladas fiscais da ex-presidente.**

* Integrantes do Centrão, o bloco da Câmara dos Deputados que chegou a ter 250 votos em seu auge, admitem a perda de força com a derrota de seu candidato à presidência da Câmara, Jovair Arantes (PTB-GO), na quinta 2.

*** "O centrão só existiu mesmo com o Eduardo Cunha (PMDB-RJ)", o ex-presidente da Câmara, disse um integrante do cada vez mais esfacelado bloco parlamentar que agora vem sendo chamado jocosamente de "Centrinho".**

FOTOS: JANE DE ARAÚJO/AGÊNCIA SENADO; PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO

RETRATO FALADO

"Cobraremos do governo os resultados das desonerações"

Felipe Salto, diretor-executivo da Instituição Fiscal Independente, órgão vinculado ao Senado, quer saber do governo qual está sendo o impacto das políticas de isenção tributária concedidas há anos para alguns setores empresariais. "Pelo desemprego e pela queda no desempenho da indústria, não parecem estar funcionando." Salto aproveita o bom diálogo com a equipe federal. Mas, se necessário, pode usar a prerrogativa do IFI e apresentar requerimento de informação.

TOMA LÁ DÁ CÁ

RAFAEL FAVETTI, ADVOGADO E EX-SECRETÁRIO EXECUTIVO DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Como o respeito aos prazos na administração pública pode reduzir a corrupção?

O não cumprimento de prazos propicia ambiente corrupto. A lei dá prazo de 30 dias para a administração pública decidir. Qual alvará, por exemplo, sai nesse tempo? Muitas vezes se demora para decidir justamente para se oferecer soluções ilegais. A medida mais eficaz para o combate à corrupção é o cumprimento desses prazos.

De que forma funcionaria?

Caso passe o tempo de resposta, a lei deveria afirmar o direito do requerente. Exemplo: uma padaria requer alvará de funcionamento. Passados 30 dias sem resposta, a lei garantiria automaticamente o alvará. Isso mata a corrupção.

Black Mirror

Acaba de ficar pronto o protótipo de Carteira Nacional de Habilitação digital para celular. O Serpro, empresa estatal que desenvolve tecnologias de informação para o governo e abriga dados dos cidadãos, concluiu esse projeto digital e está em conversas com o Denatran, o Departamento Nacional de Trânsito, para que esse modelo possa ser regulamentado e tenha validade oficial. Se for adotado, o motorista não precisará mais andar com a CNH de papel. É só baixar um aplicativo no smartphone e, quando necessário, mostrar a tela do aparelho. O tema também tramita na Câmara dos Deputados para que, além da CNH, o licenciamento também possa ser apresentado digitalmente.

Verde

O Serpro, Serviço Federal de Processamento de Dados, além da conclusão deste produto, está comemorando o balanço do ano. Em sete meses de nova gestão, a diretora-presidente Glória Guimarães diminui o prejuízo da estatal de R$ 355 milhões em 2015 para R$ 159 milhões em 2016. A meta é operar no verde.

Esfarrapada

Com recorrentes vazamentos das delações da Odebrecht, o presidente Michel Temer já definiu como será o critério para manter ou demitir ministros citados. Quem tiver explicação razoável fica. Mas sem argumento minimamente crível vai sair. Não pode ser nada tipo à moda Eduardo Cunha de dizer "não sou dono da conta, sou apenas usufrutuário".

Coque e barba

O hyspter da federal está de volta. Ou melhor, um dublê dele. A União dos Policiais Federais contratou um sósia de Lucas Valença, o agente que ganhou fama instantânea após prender Eduardo Cunha. O modelo vai estampar cartazes em campanha pela manutenção da aposentadoria policial, que estaria sob risco de mudança com a reforma da Previdência.

Musos fitness

COM A VOLTA DO RECESSO PARLAMENTAR, A CÂMARA DOS DEPUTADOS RESOLVEU ABRIR LICITAÇÃO PARA COMPRAR ESTEIRA ERGOMÉTRICA MODELO CENTURION 300. MAS NÃO ESTÁ DECRETADO O FIM DO VOLUME EXTRA SOB OS PALETÓS, NÃO. É PARA TESTE DE ESFORÇO EM EXAMES CARDIOLÓGICOS NO DEPARTAMENTO MÉDICO DA CASA. VALOR: R$ 17,6 MIL.

COLUNA do Boechat

por Ricardo Boechat

Com ***Ronaldo Herdy***

2018

O efeito Marisa

Quais serão as consequências da morte da ex-primeira dama Marisa Leticia (*foto*)? Como a perda da companheira de 43 anos impactará Luís Inácio? Muitos já passaram pelo amargo dessa experiência. A maioria segue em frente e alguns, mesmo na terceira idade, até reconstroem a vida afetiva. O tempo é anestésico e o abatimento vai sendo minado por outros sentimentos e vínculos. Não é uma regra, mas é o que predomina.

No caso de Lula, entretanto, é preciso considerar que ao peso do momento se somam dissabores capazes não apenas de sepultar sonhos nascidos no sindicalismo, mas de levá-lo à prisão e destruir sua biografia. A provação do viúvo inclui temores quanto ao destino dos filhos, dois dos quais passíveis de prisão e perdas patrimoniais. A carga não é pequena.

Amigos do ex-presidente se perguntam como, e se ele resistirá, e se ainda terá ânimo para abraçar a monumental empreitada de concorrer ao Planalto em 2018. As pesquisas eleitorais, mostrando-o no topo das intenções de voto, turbinaram o plano. Agora, compreensivelmente, ninguém ousará tocar no assunto sem um ok do líder. Desvendar que sinal será esse é o mistério do momento. Três parecem ser as hipóteses possíveis. Na primeira, menos provável, Lula vergará sob a carga que o destino lhe está impondo e jogará a toalha, desistindo de disputas, voltando-se para a família e seu Instituto. Na segunda, cumprirá o luto e cairá nas ruas com a habitual pregação contra as elites e a favor dos pobres, excitando a militância à vingança eleitoral contra os que tramaram sua desgraça. A terceira hipótese repete a anterior, mas com um elemento emocional novo: o fim da parceria que por quatro décadas compartilhou pobreza, militância, perseguição política, derrotas, ascensão, glória e o (atual) ocaso.

Nos últimos dias, Lula teria desestimulado comentários políticos relacionados ao seu luto. Mas ele sabe, como poucos, o quanto de simpatia popular despertam os que se apresentam como vítimas de injustiças. Sugerir que a "perseguição desumana" da Lava Jato à mulher, mãe e esposa Marisa Letícia a levou à morte se encaixa como luva nesse figurino.

JUDICIÁRIO

Chumbo à vista

Uma das preocupações que abalavam o Ministro Teori Zavascki era membros do Judiciário terem sido citados, pela primeira vez, nas delações da Lava Jato, mais especificamente nos depoimentos de executivos da Odebrecht. Além disso, as acusações atingiriam cinco ministros do TCU, além de dezenas de políticos. Tudo isso, agora, está nas mãos do ministro Edson Fachin, novo relator da operação no STF.

MINISTÉRIO PÚBLICO

Dupla derrota

Arquive-se! Foi a decisão unânime do Conselho Nacional do MP frente à representação de Lula (*foto*) contra procuradores atuantes na Lava Jato, na terça-feira 31. As acusações da defesa já haviam sido refutadas pela Corregedoria Nacional. Em voto vitorioso, o conselheiro Otavio Brito Lopes frisou não ter havido "dolo, fraude ou culpa grave". "As afirmativas nos autos guardam pertinência temática com o objeto processual, tendo sido proferidas no contexto e limites da causa".

FOTOS: ERALDO PERES/AP PHOTO; MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL; DENISE ANDRADE/ESTADÃO CONTEÚDO; AE; DANIEL BASILE

STF

Luís alimenta Luiz

Na terça-feira 31, em périplo pelo STF, tentando viabilizar uma antecipação de recursos no acordo que firma com o Governo Federal, Luiz Fernando Pezão (*foto*) foi aos gabinetes de alguns ministros. Luiz Fux, Gilmar Mendes e depois Luís Roberto Barroso. A conversa fluía com este último, quando entrou o garçom que, sem saber da visita, trouxe apenas uma xicara de chá verde que costuma servir ao ministro. Barroso então falou: "Amigo, traz café para o governador, que lá no Rio nem isso estão podendo oferecer". Ao que Pezão retrucou: "Café? Não servem água".

PODER

Pela harmonia

Marisa Letícia foi artífice da aproximação entre Lula e Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal. A ex-primeira dama conheceu em um evento Guiomar Mendes, mulher do ministro. Ambas encantaram-se mutuamente. Guiomar levava o marido, tornando ele pessoa próxima ao ex-presidente. Divergências à parte, Lula costumava dizer que Gilmar era quem mais cumpria a palavra no STF. A curiosa história é de um ministro da era petista.

BRASIL

Arma secreta

Depois que o Planalto anunciou medidas para reforçar a segurança de nossas fronteiras, diante da guerra de facções em presídios da Amazônia pelo controle do tráfico de drogas na Região, a I Brigada de Infantaria de Selva, sediada em Roraima, tratou de se preparar para a guerra. Dia 18 de janeiro fez pregão eletrônico para comprar 10.800 garrafas de cerveja, 2.400 de vinho, 900 de licor, 180 de uísque e 60 de conhaque. A idéia talvez fosse embebedar os traficantes, para depois subjugá-los. Ao saber da sofisticada manobra, o Comando do Exército, em Brasília, mandou cancelar o negócio.

BAHIA

A estrela desce

Derrota do PT, na eleição para a presidência da Assembléia Legislativa da Bahia na semana passada. O governador Rui Costa e o ex-ministro Jaques Wagner não conseguiram apoio para a reeleição do deputado Marcelo Nilo (PSL), há dez anos no cargo. Vitória da oposição com Angelo Coronel (PSD), candidato do senador Otto Alencar (PSD) e ACM Neto. A aliança entre ambos deve levar o prefeito de Salvador a disputar o governo do Estado, em 2018.

AGRICULTURA

Sem intimidade

Nas ocasiões em que substitui Blairo Maggi (foto) no Ministério da Agricultura, o secretário executivo Eumar Novacki quer ser tratado como "ministro". Funcionários não sabem se é caso de ciúme, vaidade ou vontade de virar político. Ainda assim, não ousam contrariá-lo. Afinal, pior seria se o coronel PM de Mato Grosso também exigisse continência.

CULTURA

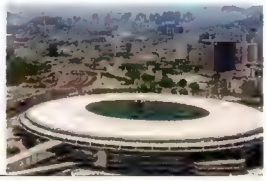
Dupla certeira

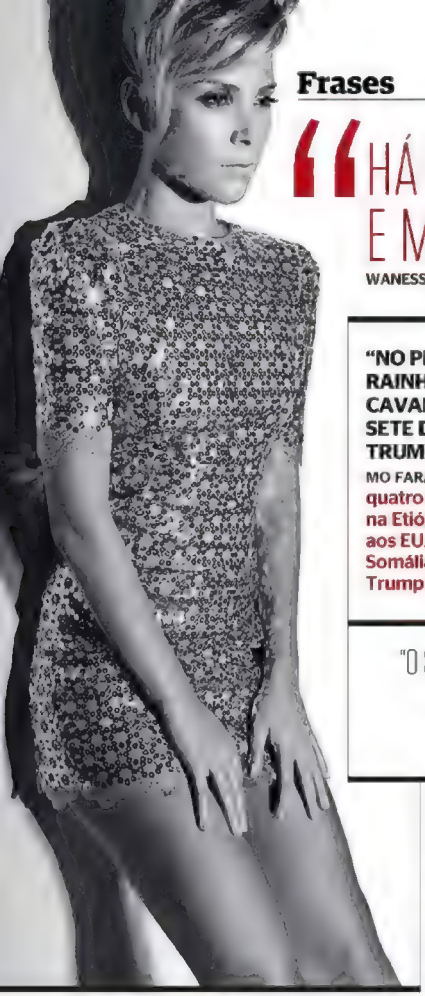
Um é grande cineasta do underground brasileiro. O outro um dos atores mais premiados do teatro. Julio Bressane ficou conhecido pelo seu "Matou a Família e Foi ao Cinema" (1969). Fernando Eiras conquistou fãs em novelas como "Pai Herói" ou "Água Viva". Juntos constroem carreira em obras cinematográficas como "O Mandarim" (1995), "Dias de Nietszche em Turim" (2001) ou "Filme de Amor" (2003). Agora, ao lado de Alessandra Negrini (*foto*), Eiras lançará "Beduíno", sob a batuta de Bressane. Também este ano iniciam as filmagens de "Dom Casmurro", baseado em obra de Machado de Assis.

FUTEBOL

Mais briga

ANTES ALIADA DE SÉRGIO CABRAL, A ODEBRECHT ESTUDA ACIONAR O GOVERNO DO RJ NA JUSTIÇA. ALEGARÁ NÃO ESTAR OBRIGADA A CONTINUAR COM O MARACANÃ, POIS O PROJETO ORIGINAL FOI DESFIGURADO. O PALÁCIO GUANABARA, POR SUA VEZ, QUER QUE A CONSTRUTORA ENTREGUE LOGO O NEGÓCIO.





Frases

"HÁ MUITO MACHISMO. E MACHISMO VELADO"

WANESSA CAMARGO, cantora

"NO PRIMEIRO DIA DE 2017, A RAINHA ELIZABETH II ME TORNOU CAVALEIRO DA REALEZA. VINTE E SETE DIAS DEPOIS, O PRESIDENTE TRUMP ME TORNOU UM ALIEN"

MO FARAH, velocista e ganhador de quatro medalhas olímpicas, que treina na Etiópia e agora não pode retornar aos EUA, onde mora – ele nasceu na Somália, um dos países aos quais Donald Trump impôs restrições à imigração

"É uma lição para o futuro"

MICHEL TEMER, presidente do Brasil, na solenidade em memória das vítimas do holocausto, na Congregação Israelita Paulista

"O SUJEITO PRESO ERA UM 'EXEMPLO DE EMPREENDEDOR' PARA AQUELES QUE CHAMAM CORRUPTO DE 'GUERREIRO DO POVO BRASILEIRO'"

ONYX LORENZONI, deputado federal, avivando na memória dos brasileiros os elogios que Lula e Dilma fizeram a Eike Batista

"Não tem precedente"

CÁRMEN LÚCIA, presidente do STF, rechaçando as tentativas de indicação política do ministro Edson Fachin para relator da Lava Jato por ele ser o mais novo da corte

vivo

NOVOS PLANOS FAMÍLIA

DEPENDENTES GRÁTIS E MAIS INTERNET.

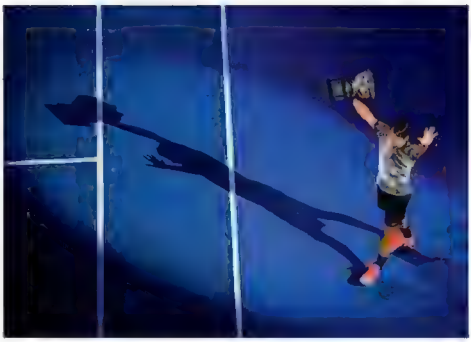
Baixe o app Meu Vivo

Telefônica

A oferta acima se refere à aquisição do plano titular Vivo Pós de até 16 GB que possui até 4 (quatro) dependentes MultiVivo gratuitos. A configuração da franquia de internet, por linha, deverá ser do plano, a internet será interrompida. A velocidade de transmissão de dados em internet móvel pode variar, entre outros motivos, por fenômenos naturais, deslocamento, distância da Estação

"ESTÁ NA HORA DE PASSAR AS COISAS A LIMPO. VOU MOSTRAR COMO SÃO ELAS. SIMPLES ASSIM"

EIKE BATISTA, empresário que estava foragido da Justiça, pouco antes de embarcar em Nova York com destino ao Brasil, onde foi preso



"TOMO UM COPO DE ÁGUA MORNA ASSIM QUE EU ACORDO"

ELIZABETH HURLEY, atriz, explicando sobre a sua boa forma física aos 51 anos de idade

"NO TÊNIS NÃO EXISTE EMPATE, MAS, SE HOUVESSE, ACEITARIA EMPATAR O JOGO COM O RAFAEL NADAL"

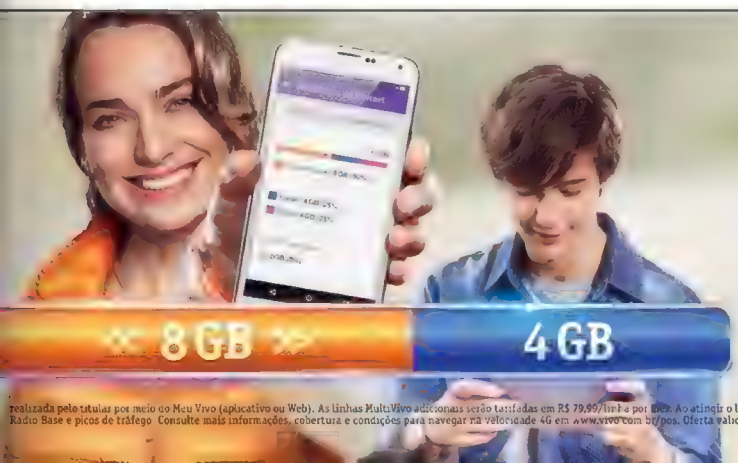
ROGER FEDERER, após vencer o Aberto da Austrália e conquistar o décimo oitavo Grand Slam de sua carreira, derrotando Rafael Nadal numa partida de três horas e meia

"Ela foi mãe e foi esposa traída. Tinha consciência de que era um símbolo para as pessoas"

NATALIE PORTMAN, atriz, sobre a ex-primeira-dama americana Jacqueline Kennedy, a quem interpreta no filme "Jackie"

"O decreto ajudará mais o recrutamento de terroristas do que reforçará a nossa segurança"

JOHN MCCAIN E LINDSEY GRAHAM, senadores, alertando em nota oficial sobre o perigo do radicalismo de Donald Trump ao proibir a entrada de muçulmanos de sete países em território americano



ATÉ **16 GB**

+ LIGAÇÕES ILIMITADAS PARA QUALQUER VIVO

+ MINUTOS PARA OUTRAS OPERADORAS

Vá até uma loja ou acesse **vivo.com.br/pos**

Realizada pelo titular por meio do Meu Vivo (aplicativo ou Web). As linhas MultiVivo adicionais serão tarifadas em R$ 79,99/linha por mês. Ao atingir o limite de dados Rádio Base e picos de tráfego. Consulte mais informações, cobertura e condições para navegar na velocidade 4G em www.vivo.com.br/pos. Oferta válida até 31/3/17.

viva tudo

DEPOIS DA DEFINI ...É HORA DO

Escolhido o ministro Edson Fachin para relatar a L da Odebrecht permaneçam cobertos sob o manto do s a população possa distinguir o joio do trigo, os corrup

OS DELATORES E OS QUE ESTÃO NA FILA

MARCELO ODEBRECHT
A íntegra de sua delação ainda não foi divulgada. Disse que Lula recebeu propina em dinheiro vivo

EDUARDO CUNHA
Deve detalhar as propinas que recebeu na Petrobras, mas pode detonar ministros de Temer

JOÃO SANTANA
Confessou ter recebido US$ 4,5 milhões na Suíça por serviços para a campanha de Dilma

RICARDO PESSOA
Disse que deu R$ 2,4 milhões, de caixa dois, para a reeleição de Lula em 2006

Sérgio Pardellas, Débora Bergamasco e Aguirre Talento

A DEFESA DE UM LIBERALISMO MODERNO CAPAZ DE ASSEGURAR LIBERDADES INDIVIDUAIS E AO MESMO TEMPO ATENDER A INTERESSES COLETIVOS GRANJEOU AO JUIZ DA SUPREMA CORTE AMERICANA, LOUIS BRANDEIS (1856-1941), O EPÍTETO DE ADVOGADO DO POVO – PEOPLE´S ATTORNEY. SUA MAIOR LIÇÃO ENCONTRA-SE RESUMIDA NUMA FRASE SEMINAL ENTOADA ATÉ HOJE COM A MESMA ÊNFASE, SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DE SEU TEMPO. DIZIA ELE: "O MELHOR DETERGENTE É A LUZ DO SOL". PASSADAS MAIS DE SETE DÉCADAS, O ENSINAMENTO DE BRANDEIS SE IMPÕE QUASE COMO UM DITAME OBRIGATÓRIO.

FOTOS: AFP PHOTO/HELDER ANDREY EVARISTO SA; AFP; AFP PHOTO/STR; LEO PINHEIRO/VALOR; FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL; LULA MARQUES/FOLHAPRESS; ANDRÉ DUSEK

ÇÃO DO RELATOR...

FIM DO SIGILO

ava Jato, não faz mais sentido que os depoimentos egredo. A divulgação das delações é essencial para que tos sejam punidos e o Brasil reencontre a pacificação

EMÍLIO ODEBRECHT
Delatou Lula, mas não se conhece detalhes. As negociações com o petista eram com ele

EIKE BATISTA
Pagou US$ 16,5 milhões a Cabral, mas teve relações promiscuas com o BNDES no governo Lula

ANTONIO PALOCCI
O "italiano" na planilha da Odebrecht, ex-ministro recebeu R$ 128 milhões para o PT

DUDA MENDONÇA
O publicitário recebeu nas Bahamas R$ 10 milhões referentes à campanha de Lula em 2002

Nunca a exposição ao escrutínio público de graves e relevantes fatos envolvendo autoridades e os mais altos hierarcas foi tão imperativa como agora. Na última semana, em um lance de sorte que não surpreendeu ninguém, o ministro Edson Fachin foi o escolhido pelo impessoal algoritmo do sistema informatizado do Supremo Tribunal Federal para ser o novo relator da Lava Jato. A relatoria do magistrado, o mais novo na casa, foi festejada por investigadores, celebrada por advogados dos encrencados na operação, comemorada pelo Palácio do Planalto e reverenciada pela opinião pública. Há praticamente um consenso de que este foi o melhor desfecho para o futuro das investigações, pois Fachin, embora indicado ao posto pela ex-presidente Dilma Rousseff, tem demonstrado ser um juiz técnico, discreto e independente. Ciente do tamanho da responsabilidade que lhe pousa sobre a toga, sua primeira mensagem por meio de uma curta nota oficial foi a de que trabalhará com "prudência, celeridade, responsabilidade e transparência". O que o Brasil aguarda ansiosamente, no entanto, é pelo próximo e mais decisivo passo de Fachin: o levantamento do sigilo das 77 delações da Odebrecht.

Desde que a presidente do STF, Cármen Lúcia homologou as delações, na última segunda-feira 30, o País iniciou intenso clamor pelo fim do sigilo sobre o conteúdo dos mais de 900 depoimentos bombásticos. Cármen decidiu manter tudo em segredo de justiça, pois avaliou que esta deveria ser uma decisão do substituto de Teori Zavascki, morto em um acidente aéreo em janeiro. Agora que Fachin é oficialmente o responsável pela operação, está mais do que na hora de tirar o segredo dos depoimentos dos delatores, de forma geral, para que os corruptos (todos eles) sejam, enfim, conhecidos e devidamente punidos. O País precisa parar de sangrar. Só assim o Brasil poderá reencontrar o caminho da pacificação e a trilha para a necessária retomada da economia. "É preciso que fique bastante claro a toda sociedade o papel de cada um dos envolvidos, seja da iniciativa privada ou dos setores públicos", defendeu o presidente da OAB, Claudio Lamachia.

PROPINA X CAIXA DOIS

Desde o último ano, provocou-se no País a sensação de que nenhum político sobreviverá incólume à delação do fim do mundo. A atmosfera apocalíptica, ao colocar todos no mesmo patamar ético e moral, como se isso fosse possível, serve aos interesses daqueles que reconhecidamente foram os mentores e arquitetos do maior esquema de corrupção da história recente brasileira: os inquilinos do poder nos 13 anos de governo petista. O vazamento a conta-gotas do teor das delações de executivos da Odebrecht, como também de outras empreiteiras e de outros delatores, só leva à desmoralização dos políticos como um todo, sem que a necessária e fundamental separação do joio do trigo seja feita.

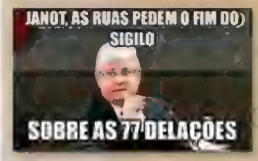
Resta evidente, a esta altura, que as delações tornadas públicas em doses homeopáticas não distinguem os políticos que foram agraciados com doações eleitorais legais daqueles que receberam propina para favorecer empresas, partidos ou mesmo para enriquecimento próprio. Não há dúvidas de que todos os crimes são crimes e quem os comete merece ser julgado e, se for o caso, condenado, à luz das leis vigentes e do estado democrático de direito. Ocorre que os que querem colocar todos no mesmo barco não estão em sintonia com os brasileiros que vão às ruas para clamar pela continuidade da Lava Jato e pela punição dos corruptos. Os interessados em igualar a todos, como se caixa dois, propina em benefício pessoal e um esquema na Petrobras montado por um governo e comandado por um ex-presidente, no caso Lula, fossem faces da mesma moeda, não querem a punição de políticos sem distinção. Desejam na verdade, com esse argumento, um salvo conduto para voltar ao poder em 2018 e repetir as práticas criminosas que colocaram em marcha nos últimos anos sem sequer corar a face.

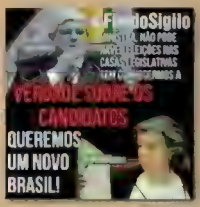
"Fachin é um juiz de elevada qualidade que tem se destacado pela atuação eficiente e independente"
Sergio Moro, juiz federal

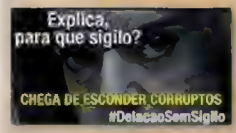
A urgência por esclarecimentos carregam outras razões. É fato que o governo federal está atravessando uma espécie de campo minado sem saber se e

CAMPANHA GANHA AS REDES SOCIAIS

Hashtag #fimdosigilo viralizou na internet







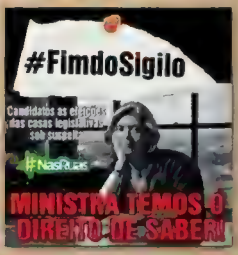


FOTO: REUTERS/RODOLFO BUHRER/PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

O NOVATO

Assim como Sergio Moro, Fachin também é do Paraná

Indicado pela ex-presidente Dilma Rousseff, o ministro Luiz Edson Fachin, de 58 anos, é o integrante do Supremo Tribunal Federal (STF) mais novo. Está no cargo há apenas um ano e seis meses.
A exemplo do juiz Sergio Moro, Fachin fez carreira no Paraná. Advogou no Estado até 2015, quando foi indicado para o STF. Sempre esteve ligado à defesa de conflitos agrários e, como jurista, desenvolveu trabalhos na área do direito civil. Sua atuação no campo penal, porém, é uma incógnita. Nos bastidores da corte, Fachin é considerado um "workaholic" e bem-humorado. Discreto, costuma tocar os processos com eficiência e agilidade.
Em 2010, declarou voto na ex-presidente Dilma Rousseff, o que gerou reservas a seu nome. Sua sabatina no Senado durou 12 horas, uma das mais longas do STF. As posições do ministro favoráveis à reforma agrária e ao casamento de pessoas do mesmo sexo desagradavam tanto à bancada ruralista como a evangélica. Ao final, seu nome foi aprovado, apesar das resistências.

como seus integrantes e aliados estão implicados nas investigações. Gera-se uma insegurança política criada pelo chamado "imponderável da Lava Jato". Com as travas da desconfiança sobre iminentes escândalos que virão pela frente, o governo perde velocidade e assertividade, quando o cenário econômico e social exigem exatamente o oposto. A ocultação dessas informações acaba tendo conseqüência deletéria: os chamados vazamentos seletivos, que podem ser manobrados por detentores de informações privilegiadas para alcançar resultados políticos que fogem aos interesses republicanos. "No caso da delação (da Odebrecht), que os investigados já têm conhecimento da investigação e são fatos um pouco mais antigos, entendemos que não há razão nenhuma para manter o sigilo das delações", afirmou o presidente da Associação Nacional dos Delegados de Polícia Federal (ADPF), Carlos Eduardo Sobral.

Nas redes sociais como Facebook, Twitter, Instagram e em grupos de Whatsapp, centenas de apoiadores se unem por meio da hashtag #FimDoSigilo para que o conteúdo das delações homologadas venham a público. O pedido era para que isso acontecesse antes mesmo da eleição que reconduziu o deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ) à Presidência da Câmara e elegeu o senador Eunício Oliveira (PMDB-CE) para o comando do Senado. De acordo com vazamentos recentes, ambos foram citados pelo ex-diretor de Relações Institucionais, Cláudio Melo Filho, como beneficiários de pagamentos da empresa em troca da aprovação de uma medida provisória de interesse da Odebrecht no Congresso.

PROJETO DE LEI

Não foram os únicos. Há uma penca deles, sem distinção partidária, e a população precisa conhecê-los. "Defendo o fim do sigilo não só das delações de uma empresa (referindo-se à Odebrecht), mas como de todas as delações", afirmou o próprio Eunício, tão logo eleito. Na última semana, o presidente do

TENSÃO
O ministro Marco Aurélio Mello (segundo da dir. à esq.) reclamou por não ter sido consultado: "Talvez não pertença ao clube", disse

OS BASTIDORES DA ESCOLHA DE FACHIN

As pressões, a guerra de vaidades e as contrariedades que embalaram a definição do novo condutor da Lava Jato

A escolha do ministro Edson Fachin como novo relator da Lava Jato foi em parte fruto de um acaso da sorte, mas também passou, em certa medida, por uma estratégia da presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Cármen Lúcia, para dar uma força ao algoritmo do sistema de informática do STF que, espontaneamente e com lisura, acabou sorteando a solução mais consensual entre os magistrados da Suprema Corte, governo e o meio jurídico. Isso porque Fachin não fazia parte da segunda turma, formada por cinco magistrados. Após a morte de Teori Zavascki no mês passado, abriu-se nessa turma a vaga de relator. Qualquer um dos ministros da primeira turma teriam prioridade na intenção de se transferir para onde o sorteio da vaga de Teori seria realizado, porque têm preferência os integrantes mais antigos da corte. E Fachin era o novato. Mas, justamente por ter menos tempo de casa, ele detém o menor número de processos acumulados em comparação com os outros companheiros de toga. Por isso, teve uma pequena vantagem no sorteio em relação aos colegas. Mas se por um lado o resultado foi satisfatório, por outro acabou causando desgastes e algumas rusgas no caminho.

Cármen terminou esta semana exaurida. Passou dias tentando costurar um acordo para que não houvesse contestação sobre a decisão de fazer um sorteio da relatoria apenas entre membros da Segunda Turma. ISTOÉ apurou que a estratégia da migração entre turmas foi construída com a ajuda do ministro Gilmar Mendes, que tem estado mais próximo de Cármen desde que ela assumiu a presidência do STF. Apesar do perfil contrastante dos dois - ela, uma esfinge; ele, comunicativo -, ambos jogaram afinados na última semana.

Mas nem tudo correu como ela imaginava. "Antes de receber ofício às duas da tarde de quarta 1, eu não havia sido procurado. Talvez eu não pertença ao clube do bolinha ou clube da luluzinha", reclamou o ministro do STF Marco Aurélio Mello. "Mas ao ser formalmente consultado, eu disse que não iria migrar de turma, pois acho que o juiz não deve escolher a relatoria que quer pegar", arrematou.

O sorteio de Fachin foi considerado um "jogo de cartas marcadas" e causou certo constrangimento e até competição entre os magistrados. Apesar do volume imenso de trabalho, alguns ministros estavam esperançosos em assumir a responsabilidade no STF pela mais gigantesca investigação de corrupção no País.

FOTOS: DIVULGAÇÃO STF; AGÊNCIA BRASIL; SÉRGIO LIMA/FOLHAPRESS

PMDB e senador Romero Jucá (RR) anunciou que vai apresentar um projeto de lei para acabar de uma vez por todas com o sigilo de depoimentos. "Não dá para ficar vazando a contagotas informações e criando um clima de instabilidade que tem reflexo grave na economia", argumentou.

MAIS REVELAÇÕES

O Ministério Público Federal apresenta suas cautelas. Até a sexta-feira 3, o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, não havia pedido o levantamento do segredo de nenhum dos depoimentos. Segundo ISTOÉ apurou, ele deve, sim, nos próximos dias solicitar a publicidade do material. Porém, não do inteiro teor. O argumento é o de que o sigilo contribui às próximas diligências, como buscas e apreensões, evitando, por exemplo, a ocultação de provas por parte dos investigados. No início de 2015, porém, a PGR teve outra interpretação. Ao enviar ao Supremo Tribunal Federal uma lista com o nome de aproximadamente 50 autoridades com foro privilegiado, Janot pediu ao mesmo tempo abertura de inquérito e o fim do sigilo dos processos. Na ocasião, as apurações estavam baseadas nas revelações feitas pelo doleiro Alberto Youssef e pelo ex-diretor da Petrobras Paulo Roberto Costa. Naquele caso, Janot avaliou que a sociedade tinha o direito de saber quem eram os acusados.

Na esteira da delação da Odebrecht, conhecida como a mãe de todas as delações, outros personagens também querem confessar seus crimes e delatar envolvidos. É necessário também ouví-los para que tudo seja esclarecido de maneira cabal. No início da fila, estão os marqueteiros João Santana e Duda Mendonça, célebres por fazerem campanhas petistas e que agora negociam a adesão a acordos de colaboração premiada. Eles poderão revelar acertos espúrios envolvendo campanhas eleitorais, como, no caso específico de João Santana, o pagamento no exterior de contribuições à campanha de Dilma Rousseff em 2014. Os acordos dos marqueteiros, porém, ainda não foram assinados pelo Ministério Público e estão em fase de negociação.

Outros três personagens que têm muitos esclarecimentos a fornecer à sociedade, mas ainda não firmaram decisão por uma delação premiada são o ex-ministro petista Antonio Palocci, o ex-deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ) e o ex-bilionário Eike Batista, todos presos por conta dos desdobramentos da Lava Jato. Palocci sabe, e muito, dos segredos mais recônditos do petismo. Já Cunha conhece detalhes espúrios de pagamentos de empresas a parlamentares e políticos de modo geral e do PMDB. E Eike pode revelar novos fatos envolvendo o BNDES durante a gestão petista, além de detalhar os acertos com o ex-governador do Rio Sérgio Cabral. No caso dos três, porém, a delação ainda está um passo atrás, já que interlocutores próximos afirmam que ainda não se convenceram a colaborar com as autoridades. A circunstância política não poderia ser mais propícia. É chegado o momento de passar o Brasil a limpo. Como dizia Louis Brandeis, não há atalhos na evolução. ■

"É preciso que fique bastante claro a toda sociedade o papel de cada um dos envolvidos no esquema" **Claudio Lamachia**, presidente da OAB

O INFILTRADO Ex-conselheiro do Carf sabe detalhes das negociatas envolvendo Erenice Guerra, ex-ministra de Dilma

NOVO DELATOR VAI COMPLICAR ERENICE

José Ricardo da Silva, ex-sócio da ex-ministra, resolveu contar tudo o que sabe sobre o esquema da Zelotes

E não são só as delações no âmbito da Lava Jato que devem ser homologadas e rapidamente tornadas públicas. Isso deveria valer para todas. Condenado a onze anos de prisão por envolvimento na compra de medidas provisórias no Congresso, e alvo de diversas outras ações da Operação Zelotes, o lobista José Ricardo da Silva decidiu fazer delação premiada.

Caso seja aceita, será a primeira colaboração da Zelotes e deve empurrar a investigação para um novo patamar: José Ricardo é investigado por possíveis pagamentos a um ministro do Tribunal de Contas da União, era sócio em negócios com a ex-ministra petista Erenice Guerra e se mostra disposto a entregá-la.

José Ricardo foi conselheiro do Carf (Conselho Administrativo de Recursos Fiscais) e é acusado de receber propina de empresas para reverter autuações milionárias da Receita Federal. Apesar de ter sido solto em maio do ano passado, teme a possibilidade de que a sua condenação seja confirmada em segunda instância, o que provocaria nova prisão. *(Aguirre Talento)*

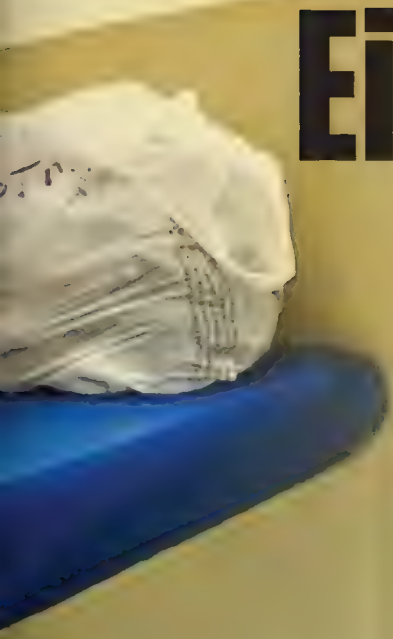
CELA O ventilador, o "boi", a "quentinha" da segunda-feira e a cama de pedra (abaixo): a esperança de deixar o inferno morreu com a perda do habeas corpus

A nova rotina de

Eike Batista

O duro e complicado dia a dia do empresário, que já foi o homem mais rico do Brasil e a sétima fortuna do mundo, no presídio de Bangu

Antonio Carlos Prado



Um homem precisa de um travesseiro. O travesseiro apoia-lhe a cabeça para dormir, o travesseiro aquieta-lhe o espírito justamente quando ele, o próprio espírito, agita-se e não deixa o homem dormir. Essa é a história da nova vida (nada boa) de um homem e de seu travesseiro de branca fronha.

Essa não é a primeira vez que um bilionário da lista da "Forbes" acaba na cadeia, mas é a primeira vez que a cadeia de Bangu recebe um bilionário da lista da "Forbes". Como prisão jamais sobe de categoria, seja o seu hóspede pobre, rico ou remediado, é o nosso prisioneiro em questão quem despencou no status social e econômico. Eike Batista, eis o nome do homem do travesseiro. E do preso. Sob a acusação de corrupção, lavagem de dinheiro e pagamento de propina de US$ 16,5 milhões ao ex-governador Sérgio Cabral, desde a segunda-feira 30 Eike é um dos três ocupantes da espremida cela 12 da galeria A da unidade prisional Bangu 9, no Complexo Penitenciário de Gericinó, na zona oeste do Rio de Janeiro. A cela tem onze metros quadrados. Vale a conta do irrespirável: menos de quatro metros quadrados para cada preso. Bem diferente, mas bem diferente mesmo, da mansão de três mil metros quadrados na qual ele morava na zona sul carioca. Mais contas: cabem 272 celas na casa onde vivia. Agora, sobrevive. Como se disse, é irrespirável.

Em 1987, quando a revista "Forbes" estreou o seu rol dos homens mais ricos do mundo, entre eles figurava o megatraficante colombiano Pablo Escobar, fortuna estimada em US$ 3 bilhões. Como se sabe, Escobar e prisão viraram sinônimos. Em 2012 Eike brilhou na lista como a sétima fortuna mundial, riqueza com um zero a mais: US$ 30 bilhões. Só por curiosidade (ah, as coincidências do mundo), foi justamente no

mesmo ano em que a "Forbes" soltou a sua primeira relação de bilionários que se começou a construir o Complexo de Bangu. Nada disso, é claro, atinge a reputação da publicação: ela existe há três décadas e somente dois famosos que a frequentaram derraparam tão feio.

VISITA ÍNTIMA, NÃO JÁ

Sérgio Cabral também está em Bangu, na unidade 8, destinada a quem tem curso superior. Eike não possui diploma, então foi alocado no pavilhão 9, que segundo as autoridades não abriga gente de facção - inimaginável pensar em cadeia no Brasil sem pensar em facções, mas fique-se com a explicação oficial. Que ninguém imagine, no entanto, que lá não é chapa quente: Eike vai conviver com milicianos, presos de grupos de extermínios e matadores de aluguel. São duras as duas horas diárias de banho de sol com tais pessoas, cuja atitude mais gentil é responder "bom dia por que?" a quem educadamente as cumprimenta. E Eike Batista, que já foi o homem mais rico do País quando comandava seu império "X", é extremamente educado e gentil. Há outras diferenças da cela de Cabral para a do empresário, devido à ausência de diploma de curso universitário: no cubículo de Eike não tem chuveiro, só o cano que despeja água gelada; e não há vaso sanitário, apenas o buraco no chão, que os presos chamam de "boi".

Como Eike Batista chegou a Bangu no meio da tarde, às seis horas já estava na cela e aprendeu o que se chama "confere": ficar em pé para ser contado pelos agentes penitenciários. A contagem geral de presos "bateu", 422 detentos, o empresário já incluído (a capacidade da unidade é para 541 homens). As sete da noite, impreterivelmente, as celas são trancadas. Assim aconteceu na segunda-feira, e nesse momento Eike foi informado que as sete horas da manhã elas são abertas e ocorre então outro "confere". Eike dormiu mal na primeira noite, na cama (beliche) de alvenaria, em meio a uma Bíblia, sacos plásticos, garrafa d'água e outros objetos. Tudo ainda improvisado, mas já de uniforme. Na manhã seguinte tomou café com leite e pão, almoçou arroz, feijão, farofa e salsicha - o cardápio de Bangu, dependendo do dia, tem macarrão ou carne vermelha ou frango ou peixe, verdura, doce ou fruta. Como se vê, as refeições são na base do *ou* e não do *e*. É uma coisa ou outra. O tempo das mesas fartas evaporaram.

MUDANÇA Eike, ao deixar o presídio Ary Franco, onde foi hostilizado, e seguir para Bangu: visual de preso

Eike tem direito a um ventilador de 30 centímetros de diâmetro e televisão de catorze polegadas, desde que a família os leve e apresente as notas fiscais. Aliás, falando em família, dentro de duas semanas ele poderá receber visitas todos os dias, menos às terças-feiras (três visitantes por vez); visita íntima, essa só bem mais para frente, e tem de ser autorizada pelas assistentes sociais. Já na semana passada, no entanto, veio-lhe apoio: seus filhos Olin e Thor, a esposa, Flávia, e a ex-mulher Luma de Oliveira postaram mensagens nas redes sociais, demonstrando-lhe toda solidariedade. Em uma das mensagens repetiam as frases de Eike que estão deixando muita gente com cabelo em pé: puro pavor de que ele tenha insinuado uma possível delação premiada quando declarou no aeroporto JFK, em Nova York, que "é hora de as coisas serem passadas a limpo, vamos mostrar como as coisas funcionam". Voltemos, entanto, ao sono que mal veio na primeira noite, noite que lembra desconforto - e estranho e duro e áspero travesseiro.

Deve ter doido muito, assim como perder o travesseiro, perder os cabelos artificiais que lhe davam até topete. Doeu voltar à calvície. Sejamos francos: ele não está sequer calvo, está mesmo é com careca de preso

A CABEÇA E O TRAVESSEIRO

Sim, Eike tinha travesseiro, mas não o travesseiro no qual dormiu profundamente na classe executiva da aeronave da American Air Line, que o trouxe dos EUA para a cadeia. O travesseiro do voo era o dele, íntimo dele, leve e de pluma. Tornou-se companheiro constante, seguiu com o empresário para o IML, para o presídio Ary Franco e, de repente, quedou-se capturado na portaria de Gericinó. Eike, por onde passou, o levou, mas o acessório do bem-estar da cabeça e do espírito foi barrado em

Bangu. Tinha sido a única exigência de Eike levar o travesseiro de plumas. Não conseguiu. É proibido. Presidiário tem de se contentar com o travesseiro da prisão quando joga o corpo na "comarca", expressão que entre as grades significa cama. Até a cabeça de Eike se acostumar com esse travesseiro, até esse travesseiro pegar o jeito de sua cabeça, é natural que leve algum tempo.

Também algum tempo passará para que ele se habitue ao novo visual. Em algum momento, é bem provável que tenha pensado: "se era para alguém desfazer, porque que é que eu fiz?" Refiro-me não à riqueza, mas sim à perda de seus cabelos, implantados pelo caríssimo método Tricosalus. Deve ter doido muito, assim como perder o travesseiro, perder os cabelos artificiais que lhe davam até topete. Doeu voltar à calvície. Sejamos francos: ele não está sequer calvo, está mesmo é com careca de preso. O leitor talvez se pergunte por qual motivo colocou-se na história o detalhe da fronha. Simples: travesseiro de presídio, em todo o Brasil, é sem fronha porque é fácil usá-la para sufocar desafetos ou camuflar o rosto em rebeliões. ■

por Leonardo Attuch

O ABRAÇO TARDIO ENTRE LULA E FHC

Mais do que um gesto de solidariedade, a visita do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva no Hospital Sírio-Libanês tem também potencial para se transformar num fato político. Quem sabe, no ponto de virada para conter o maior processo de destruição a que uma nação já foi submetida.

Nos últimos dois anos, praticamente todas as construtoras brasileiras quebraram, cinco milhões de brasileiros perderam seus empregos, a economia encolheu 10% e o colapso do setor privado já atinge o setor financeiro. Tudo isso aconteceu porque parte da oligarquia política brasileira enxergou na Operação Lava Jato a oportunidade perfeita para destruir o Partido dos Trabalhadores e seu maior líder, o ex-presidente Lula, com alguns danos colaterais aqui e acolá.

Para se atingir esse objetivo, não se mediram esforços nem se avaliaram as consequências. O Brasil viveu nos últimos dois anos um retrocesso econômico semelhante ao de países que sofrem guerras e bombardeios. Mas os ataques não vieram de fora, ainda que possam ter favorecido eventuais interesses internacionais. Foi um processo de autodestruição.

Tomara que o legado de Marisa Letícia possa ser um pacto pela democracia no Brasil

Os que promoveram o desastre imaginavam um outro desfecho: a eventual extinção do Partido dos Trabalhadores, coroada com a prisão do ex-presidente Lula. Sabe-se agora, no entanto, que praticamente todo o sistema político brasileiro foi sequestrado pelos esquemas das empreiteiras - em especial, a Odebrecht. Portanto, se antes era possível imaginar uma eventual destruição localizada, esse cenário se tornou impossível. As 77 delações da Odebrecht não deixarão pedra sobre pedra.

Antes dessa histeria coletiva, que semeou o ódio entre os brasileiros, FHC e Lula construíram os pilares de uma Nação que se tornava admirada no mundo. O primeiro com a estabilidade econômica e o segundo com o maior processo de inclusão social e distribuição de renda da história do País. A competição política entre os dois, no entanto, colocou tudo a perder.

O Brasil, que antes era uma esperança para o mundo civilizado, hoje é motivo de espanto e perplexidade, ao flertar com o fascismo. Lula e FHC têm uma responsabilidade histórica no momento atual. E tomara que o legado de Marisa Letícia seja um pacto pela democracia no Brasil. Sem isso, só nos restará o abismo. ■

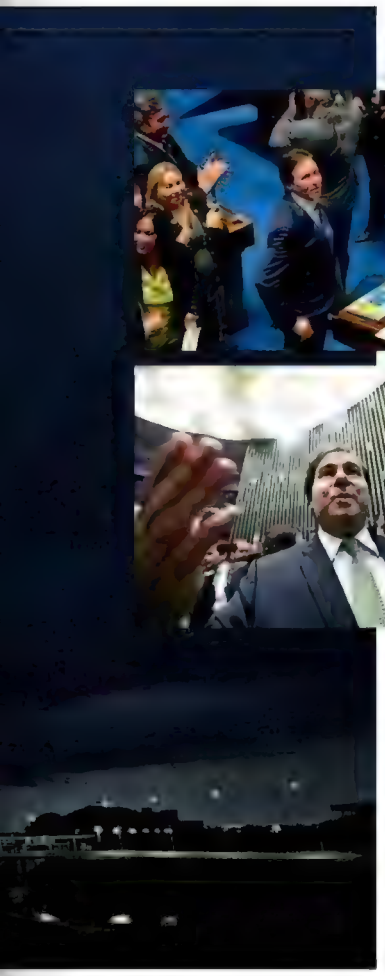
Que Congresso é esse?

O novo Legislativo tem reformas importantes para discutir, como as da Previdência e Trabalhista, mas os novos líderes usarão os velhos métodos para defender os parlamentares das investigações da Lava Jato

Ary Filgueira

O Congresso Nacional mostra sua nova cara após as eleições dos presidentes do Senado, Eunício Oliveira (PMDB-CE), e da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), e das suas respectivas mesas diretoras, mas essa face não é das mais bonitas para a sociedade. O próximo biênio da Casa promete ser de mais diálogo e menos beligerância com os demais Poderes, mas o que deve ficar estampado mesmo nas duas gestões é o corporativismo. Além de outros deputados e senadores encalacrados no esquema de corrupção revelado na Lava Jato, os dois novos presidentes foram citados recentemente na delação da empreiteira Odebrecht como beneficiários de pagamentos espúrios para ajudarem na aprovação de uma medida provisória. Durante a posse, eles uniram o discurso num recado velado ao avanço das investigações, criticando as intervenções do Poder Judiciário no Legislativo.

A declaração mais contundente foi a de Eunício. O presidente recém-empossado prometeu ser "duro, firme e líder quando um Poder parecer se levantar contra o outro". Apesar de não mencionar o nome do Supremo Tribunal Federal (STF), a mensagem tinha a Suprema Corte como destinatária. Mesmo não tendo nenhum inquérito aberto contra ele ainda, o novo presidente do Senado pode passar pelo mesmo constrangimento que seu antecessor Renan Calheiros (PMDB-AL) se vier a ser alvo de investigação por parte do STF, já que é citado em delações premiadas. No ano passado, por decisão monocrática do ministro Marco Aurélio Mello, o alagoano foi



MAIORIA ESMAGADORA
Eunício Oliveira (acima) e Rodrigo Maia (abaixo) foram eleitos com sobra, demonstrando a inoperância da oposição

afastado do cargo por ser réu e não poder estar na linha sucessória da Presidência da República. A decisão, porém, acabou sendo descumprida e o STF articulou um acordão para manter Renan no comando do Senado sem que pudesse assumir a Presidência da República no caso de viagem do presidente. Nos bastidores, aponta-se que, em troca da gentileza do STF, ele adiou a votação do projeto de abuso de autoridade que poderia endurecer punições aos juízes.

A SOBERANIA DA CÂMARA

Rodrigo Maia também não economizou críticas ao Judiciário após ter a confirmação de seu nome como presidente da Câmara pelos próximos dois anos. Além de ser alvo de delação na Lava Jato, o democrata ainda teve sua candidatura questionada na Justiça, que chegou a suspendê-la em primeira instância. Ele usou justamente esse fato para iniciar sua fala. De forma amena, disse que a independência entre os Poderes é fundamental e cobrou união dos colegas deputados para combater interferências no Legislativo. "Mais uma vez, o ator principal da nossa eleição foi o Poder Judiciário. Por incrível que pareça, por decisão dos próprios políticos. Essa é uma questão que vem a cada dia enfraquecendo a nossa casa. Todas as nossas decisões acabam sendo levadas ao Judiciário. Até um juiz de primeira instância se atreveu a se intrometer na nossa decisão. Para sorte da democracia, foi rejeitada sua liminar", disse ele, referindo-se à liminar do juiz federal substituto Eduardo Ribeiro de Oliveira, da 15ª Vara Federal de Brasília, que havia impedido Maia de se candidatar. "Os nossos problemas e embates precisam ser resolvidos aqui dentro. Para que a gente mostre ao Judiciário e ao Executivo que a Câmara exige e quer respeito à sua soberania", desferiu.

A eleição de Eunício e Rodrigo Maia revelou dois lados de uma mesma moeda. Primeiro, mostrou a força do presidente Michel Temer no Congresso, ao eleger aliados para o comando das duas Casas. Em seguida, revelou a derrocada de um bloco capaz de atrapalhar ainda mais a tão almejada harmonia pretendida pelo atual governo: o centrão. O antigo bloco articulado pelo ex-deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), preso na Lava Jato, foi o maior derrotado do pleito. A falta de união, com o surgimento de vários candidatos do grupo, favoreceu o candidato favorito do governo na Câmara, Rodrigo

O FOCO DO CONGRESSO

Com a escolha das novas mesas diretoras, é hora do Legislativo trabalhar

REFORMA DA PREVIDÊNCIA
A Câmara deve dar andamento à tramitação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que estabelece a reforma da Previdência Social. Rodrigo Maia prometeu criar uma comissão especial para debater o assunto

REFORMA TRABALHISTA
Anunciadas em dezembro, as novas regras trabalhistas estão entre as prioridades do Planalto no Congresso. O assunto deve passar pela Câmara e depois pelo Senado. Entre os chamados 12 pontos da relação entre patrões e trabalhadores, um é polêmico: o que amplia a carga horária, podendo chegar a até 12h diárias

REFORMA POLÍTICA
Também deve entrar no pacote de votação já no primeiro semestre a tão almejada reforma política, que visa enxugar a quantidade de partidos. O tema chegou a ser consenso no Congresso ano passado, mas acabou não indo adiante. A proposta prevê que, a partir das eleições do ano que vem, os partidos obtenham o mínimo de 2% dos votos válidos em ao menos 14 unidades da Federação senão deixam de existir. A emenda para ser aprovada tem que ter 308 votos

FOTOS: MARCELLO CASAL JR/AGÊNCIA BRASIL; RENATO COSTA/FRAMEPHOTO/FOLHAPRESS

A eleição de Eunício e Rodrigo Maia mostrou a força do presidente Temer no Congresso, ao eleger aliados para o comando das duas Casas

Maia. O candidato do centrão, Jovair Arantes (PTB-GO), teve apenas 105 votos, contra 293 de Rodrigo Maia.

Com esse cenário desenhado, o presidente Michel Temer pode garantir a aprovação de matérias consideradas imprescindíveis para o País. Uma delas é a reforma da Previdência. A Proposta de Emenda à Constituição (PEC) já conta com o aval da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara, e agora começará a ser discutida com a sociedade em uma comissão especial na Casa. A proposta estabelece, dentre outros tópicos, a contribuição de 49 anos para que o trabalhador tenha direito a uma aposentadoria integral. Maia prometeu criar a comissão especial já na próxima semana. A proposta, porém, ainda conta com resistência entre os representantes dos trabalhadores.

REFORMAS INADIÁVEIS

Outro assunto que deve ganhar fôlego é a alteração na legislação trabalhista, enviada ao Congresso em um projeto de lei no fim do ano. Por ser um projeto de lei, o rito de aprovação é mais simples do que a reforma da Previdência, que é uma PEC. A aprovação das mudanças trabalhistas devem ser um bom teste do poder de influência do Planalto no Congresso. Pelo rito normal, o assunto deve passar pela Câmara e depois seguir ao Senado. Dentre as mudanças previstas estão a ampliação do contrato de trabalho temporário e a formalização da jornada diária de até 12 horas. ■

por Rodrigo Constantino

O PERIGO VEM DA ESQUERDA

A julgar pela grande imprensa, o mundo está apavorado com uma "onda ultraconservadora" que estaria varrendo diversos países, a começar pelos EUA. Essa "guinada à direita" de inúmeros governos seria extremamente perigosa, por representar a intolerância, o racismo, a xenofobia, o nacionalismo. Mas é isso mesmo? Em que pesem posturas realmente intolerantes de alguns líderes da dita direita, sou defensor da tese de que não – o fenômeno que estamos vivenciando não é esse descrito pela mídia. Na verdade, esses jornalistas simplesmente não compreenderam o mundo moderno, e por isso não entendem que está ocorrendo uma reação saudável ao radicalismo da própria esquerda.

Foi-se o tempo em que o Partido Democrata, por exemplo, era mesmo moderado. Houve uma "revolução silenciosa" que o jogou bem mais para a esquerda. O socialista Bernie Sanders quase ganhou nas primárias, e a própria Hillary Clinton é uma entusiasta de Saul Alinsky, um revolucionário radical, também admirado por Obama. JFK, católico e anticomunista, seria considerado "ultraconservador" por seu próprio partido hoje. A tática usada pela esquerda tem sido a velha máxima romana: dividir para conquistar. Joga negros contra brancos, mulheres contra homens, gays contra heterossexuais, sempre de olho nas vantagens políticas dessa "marcha das minorias oprimidas". Lança mão de um arsenal de hipocrisia, a ponto de vermos gays e feministas louvando o Islã para atacar o Cristianismo!

A esquerda não sabe perder, não tolera a verdadeira pluralidade, a escolha do povo, que diz defender

Essa esquerda banca a democrata, mas não tolera o resultado da democracia quando perde. Fala em amor, mas prega até jogar uma bomba na Casa Branca. Discursa em prol da tolerância, mas parte para a agressão verbal e até física contra os adversários. Louva a diversidade, mas só aceita quem reza a mesma cartilha politicamente correta. Condena o "fascismo", mas tenta intimidar os demais, exatamente como faziam os fascistas.

São esses "ungidos" arrogantes, os tais "fascistas do bem", o maior perigo às liberdades individuais hoje. Eles no fundo odeiam tudo aquilo que o Ocidente em geral e a América em particular representam: o capitalismo, as democracias liberais, a livre iniciativa, um governo limitado e regido pelas leis, não pela ideia vaga de "justiça social" ou pelos devaneios messiânicos de seus governantes.

Quem culpa Trump pela "divisão da nação" não entendeu ainda a tática usada pela esquerda. Trump é um mero pretexto: fizeram o mesmo com Bush, lembram? E fariam com Ted Cruz, Marco Rubio ou qualquer outro republicano. A esquerda não sabe perder, não tolera a verdadeira pluralidade, a escolha do povo, que diz defender. Vivemos em tempos perigosos, sem dúvida. Mas o verdadeiro perigo não vem da direita; vem da esquerda.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista

Artigo

por Germano Oliveira

A GRANDE PARCEIRA

Em 44 anos de união, Dona Marisa ajudou a esculpir a trajetória de Lula

"Galega". Era assim que o ex-presidente Lula chamava sua mulher Marisa Letícia Lula da Silva, lembrando sempre a origem italiana da família da esposa, oriunda da província de Bérgamo. Foram infindáveis os discursos que Lula encerrou com o bordão: "Preciso encerrar a conversa aqui com vocês e ir para casa, onde dona Marisa me espera. Se eu chegar tarde, vou dormir no sofá da sala". Dona Marisa, de 66 anos, sempre foi o porto seguro de Lula durante os 44 anos de casamento, principalmente nas situações difíceis do ex-presidente, como quando ele recentemente tornou-se réu em cinco processos e enfrentou um câncer. A trajetória política de Lula se confunde com a história de vida de dona Marisa.

Enquanto Lula militava nas portas de fábrica e nos palanques pelo Brasil a fora, Marisa ficava na retaguarda. Foi ela quem costurou a primeira bandeira do PT em 1980, na fundação do partido.

RETAGUARDA Marisa ficou casada 44 anos com Lula e sempre esteve ao seu lado, mesmo nos momentos mais difíceis, como os tempos atuais

Marisa teve uma vida de dificuldades no início. Nasceu numa família pobre de dez irmãos, crescendo na zona rural de São Bernardo do Campo. Aos nove anos, já trabalhava como babá de três meninas de uma família rica em São Bernardo. Aos treze passou a embalar bombons. Aos dezenove, casou-se com o taxista Marcos Cláudio, com quem teve o primeiro filho Marcos. O taxista foi assassinado a tiros após seis meses de casamento. Viúva, em 1973, foi ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e lá conheceu o então presidente da entidade, Luiz Inácio da Silva, que também havia ficado viúvo recentemente. Os dois se casaram sete meses depois. Do casamento vieram três filhos: Fábio Luiz, Sandro e Luis Cláudio. Lula assumiu o de Marisa e o criou como se fosse seu.

Como o casamento e a fundação do PT aconteceram em meio à luta contra a ditadura, o lado combativo de dona Marisa aflorou. Ela fazia reuniões de mulheres em sua modesta casa perto da FEI em São Bernardo, ajudando nas lutas do sindicalista Lula. Quando ele foi preso em 1980, Marisa organizou uma passeata de mulheres contra o regime militar na Praça da Sé, cercada por soldados. Marisa participava das campanhas eleitorais do marido, bordando camisetas e bandeiras, como na disputa de Lula para o governo de São Paulo em 1982 ou para deputado federal em 1985.

Durante a campanha para presidente em 1989, contra Collor, Marisa teve uma decepção e se afastou. O que motivou o seu gesto foi o episódio envolvendo a enfermeira Miriam Cordeiro. Dizia ela que Lula tinha pedido que ela fizesse aborto da filha Lurian. Mas Marisa superou a crise e passou a aceitar Lurian como enteada.

No período em que Lula esteve à frente da Presidência da República, de 2003 a 2010, a ex-primeira-dama sempre esteve nos bastidores do Palácio, calada, sem dar entrevistas, mas sempre impedindo que o posto de presidente de Lula afetasse a vida familiar do casal e dos quatro filhos. Marisa exigia que Lula fosse para São Bernardo quase todos os finais de semana. Proibia que ele participasse de eventos públicos ou políticos no final de semana, especialmente aos domingos. Cumpria um ritual dominical: reunia todos ao redor da mesa e pedia comidas italianas a Gigio, dono de um restaurante no centro da cidade.

Era caseira. Ao sofrer o AVC, a ex-primeira dama estava no seu apartamento em São Bernardo. O aneurisma que tinha no cérebro há dez anos se rompeu. Foi levada para um hospital em São Bernardo, onde recebeu os primeiros atendimentos. De lá, foi levada para o Hospital Sírio Libanês, um dos mais sofisticados de São Paulo. Mas já era tarde. Na quinta-feira 2, nove dias depois, teve a morte cerebral decretada. ■

PERSEGUIDOS Parentes aguardam o desembarque de imigrantes em aeroporto americano: medo e insegurança

A NOVA ERA DO ÓDIO E DA INTOLERÂNCIA

Ascensão de Donald Trump traz de volta o fantasma da perseguição a minorias, o nacionalismo inconsequente e o perigo de rupturas entre nações. É possível evitar que os erros do passado se repitam?

Amauri Segalla e Elaine Ortiz

Em março de 1933, o Terceiro Reich foi oficialmente proclamado na Alemanha. Poucos dias depois, os nazistas, sob o comando de Adolf Hitler, instituíram o boicote a estabelecimentos comerciais judeus e ordenaram a cobrança de pesados impostos para a comunidade judaica. Nos discursos para multidões, o Führer exaltava a superioridade ariana e anunciava como seres inferiores os que não eram nascidos ou tivessem origem germânica. Depois de estigmatizar, Hitler perseguia. Proibiu os judeus de frequentar os mesmos locais dos alemães e vetou a entrada de poloneses na Alemanha.

Em junho de 2016, Donald Trump fez seu discurso de campanha mais incisivo. Criticou latinos sob o argumento de que eles roubavam os empregos dos americanos e os muçulmanos por promoverem o terror. Como um Hitler redivivo, Trump estigmatizou milhões de pessoas, definindo-as como inimigas de uma nação que, pare ele, está acima das outras. Em uma palestra realizada em Washington, conclamou os compatriotas a odiar não apenas quem era, mas parecia diferente. Eleito, Trump cumpriu o que prometeu durante a corrida presidencial. Proibiu, como Hitler havia feito oito décadas atrás, a entrada em território americano de cidadãos nascidos em países considerados rivais, enxotando-os para fora dos aeroportos. Nos últimos dias, pessoas do Iêmen, Irã, Iraque, Líbia, Síria, Somália e Sudão foram algemadas, interrogadas e, em alguns casos, mandadas de volta para casa do outro lado do oceano apenas porque possuíam um passaporte

REPRESSÃO
Policiais americanos no aeroporto de Portland, na semana passada: mais de 100 imigrantes detidos nos EUA

que Trump julga inapropriado. Até a quarta-feira 1º, 109 pessoas foram detidas em aeroportos nos Estados Unidos e 721 viajantes com vistos válidos foram impedidos de embarcar em voos para o país.

Por mais que pareça um exagero comparar as ações desvairadas do novo presidente americano com um dos períodos mais sombrios da história da humanidade, é inegável que, sob Trump, o mundo está ingressando em uma nova era de intolerância. Fantasmas do passado ressurgiram, vultos tenebrosos do ódio voltaram a ter voz. "Identificar grupos por suas diferenças é perigoso e apenas divide a sociedade", diz Rob Kuznia, coordenador da Fundação USC Shoah, sediada em Los Angeles e que cuida da memória de vítimas do holocausto e de outros genocídios por meio de vídeos-testemunhos. "Uma forma de exclusão leva a outra e o silêncio da maioria em face da injustiça concede a permissão de mais atrocidades a seus autores." Não é preciso muito esforço para encontrar paralelos entre o discurso de Trump e as máximas do nazi-fascismo. "Precisamos fazer a América grande de novo e mostrar para o mundo que nós somos os líderes que todos devem seguir", disse o americano no dia 2 de novembro, pouco antes de ser eleito.

"A Alemanha é o país a ser invejado por ter o povo mais forte e as melhores mentes", disse Hitler em 1938, um ano antes de afrontar o mundo. No período entre guerras, como são chamados os anos que separam a primeira da segunda Guerra Mundial, o totalitarismo floresceu na Alemanha e Itália porque ambas as nações enfrentavam certo complexo de inferioridade. Fragilizadas pelo colapso econômico e o consequente desencanto da população, elas ansiavam por recuperar as glórias de outros tempos. Nesse contexto, a oratória nacionalista não só encantou multidões como as arrastou para o front. De acordo com as premissas do fascismo italiano e do nazismo alemão, era hora de combater o enfraquecimen-

POUCA DIVERSIDADE

Trump montou o gabinete mais branco e conservador desde Ronald Reagan, que presidiu o país de 1981 a 1989

		Donald Trump	Barack Obama	George W. Bush	Bill Clinton	George Bush	Ronald Reagan
Homens brancos no primeiro gabinete		17	8	11	10	12	17
Mulheres e minorias No novo gabinete presidencial, apenas duas mulheres têm posto de ministro e os latinos foram excluídos pela primeira vez desde 1988	Negras, Latinas e Asiáticas	2	3	1	2	2	1
	Mulheres brancas	2	4	3	4	-	-
	Negros, Latinos e Asiáticos	1	7	5	6	3	1
	Total	5	14	9	12	5	2

FOTO: ALEX MILAN TRACY/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

ÓDIO Soldados alemães abordam judeus em 1943: estigmatizar minorias leva a tragédias humanitárias

to da nação. Isso, na ótica nazifascista, só se faz com o combate e a destruição do inimigo.

"América primeiro", "vamos reconstruir nosso país com mãos americanas e trabalho americano", "20 de janeiro de 2017 será lembrado como dia em que o povo se tornou o comandante desta nação novamente", "a América vai começar a vencer", "juntos tornaremos a América grande novamente". Isso tudo, é bom lembrar, foi dito por Trump no dia da posse. O novo presidente foi eleito graças aos cidadãos chamados pelos analistas de "angry white man", os homens brancos com raiva. Eles, mais do que qualquer outra parcela da população, tiveram seus empregos ceifados pelo ocaso econômico das cidades industriais, pelo avanço tecnológico e por uma profunda mudança da sociedade nos últimos 20 anos. Desamparados pelo governo, ressentidos por um declínio sem fim e com um agudo sentimento de traição, esses indivíduos se vingaram na eleição presidencial de tudo o que julgavam ser responsável por suas misérias pessoais. Mais do que qualquer coisa, puniram todo o sistema. Por isso elegeram Donald Trump.

Basta dar uma espiada no mapa dos votos para observar que Trump venceu, com folga, nos subúrbios, nas cidades rurais e no chamado "Cinturão da Ferrugem", como passou a ser conhecida, de forma pejorativa, a região que se estende pelo nordeste dos Estados Unidos até os Grandes Lagos e que tem sua economia baseada na indústria pesada e de manufatura. É lá, nesses amplos espaços decadentes (daí o "ferrugem") outrora ocupados por fábricas vistosas, que os homens brancos com formação escolar média fizeram a diferença a favor do presidente Trump. "Agradeço principalmente às pessoas sem instrução, mas trabalhadoras incansáveis, que me colocaram em condições de derrotar Hillary Clinton", disse o republicano semanas antes da eleição. É para elas que vou governar."

É para elas que está governando. "Quando o mandatário de um país assume uma postura pública preconceituosa em relação a raça, gênero, religião, nacionalidade ou qualquer outra distinção, ele encoraja a população a declarar o antagonismo que existia, mas que estava contido", diz Luis Fernando Ayerbe, coordenador do Instituto de Economia e Estudos Internacionais da Unesp. "Isso gera conflitos sociais e aflora comportamentos violentos nas ruas". Segundo a Ong americana Southern Poverty Law Center, o fenômeno da intolerância ganhou amplitude logo após as eleições de 8 de novembro. Em apenas dez dias, 867 casos de assédio, ódio e intimidação foram registrados nos Estados Unidos, número que pode estar subestimado já que dois terços dos crimes desse tipo frequentemente não são reportados à polícia. Indicadores mostram que, após Trump, os crimes de ódio aumentaram consideravelmente nos Estados Unidos. Os alvos são aqueles que Trump rejeita: muçulmanos, negros e gays.

ELITE BRANCA NO PODER

A julgar pela aversão do novo presidente a minorias, os episódios de incivilidade tendem a aumentar. Dono de fortuna pessoal estimada em US$ 3,7 bilhões de dólares, Trump formou um governo que corresponde exatamente ao que se pode chamar de elite branca. No novo gabinete presidencial, apenas duas mulheres têm posto de ministro e os latinos foram excluídos pela primeira vez desde 1988. O atual governo conta com o menor número de negros desde a era Ronald Reagan, encerrada há 40 anos.

Na Alemanha de Hitler, os judeus foram tratados como bodes expiatórios. Para justificar as mazelas do País, os nazistas apontavam o dedo para eles, os culpados por todos os males que afligiam a nação. Às mulheres, cabia uma posição secundária na sociedade. "Guerra é para o homem, maternidade é para a mulher", dizia uma campanha publicitária

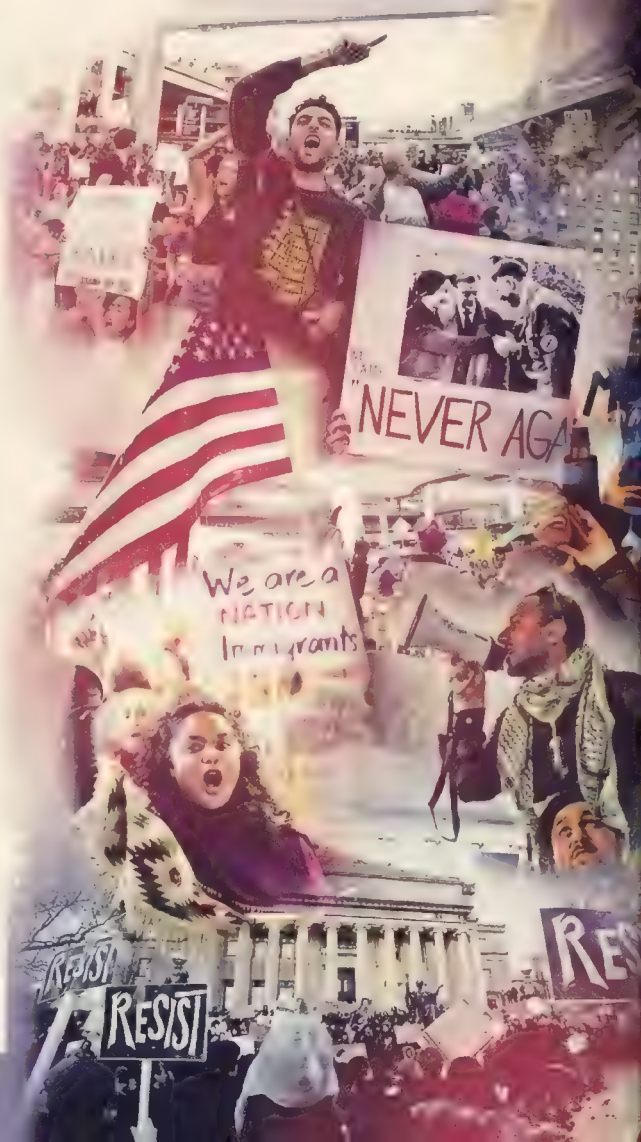
nazista. Hitler não teria existido sem o suporte de parte importante da sociedade. A perseguição aos judeus foi largamente apoiada pelo empresariado alemão, que via na política de restrições e perseguições crescentes o caminho para a reconstrução do país.

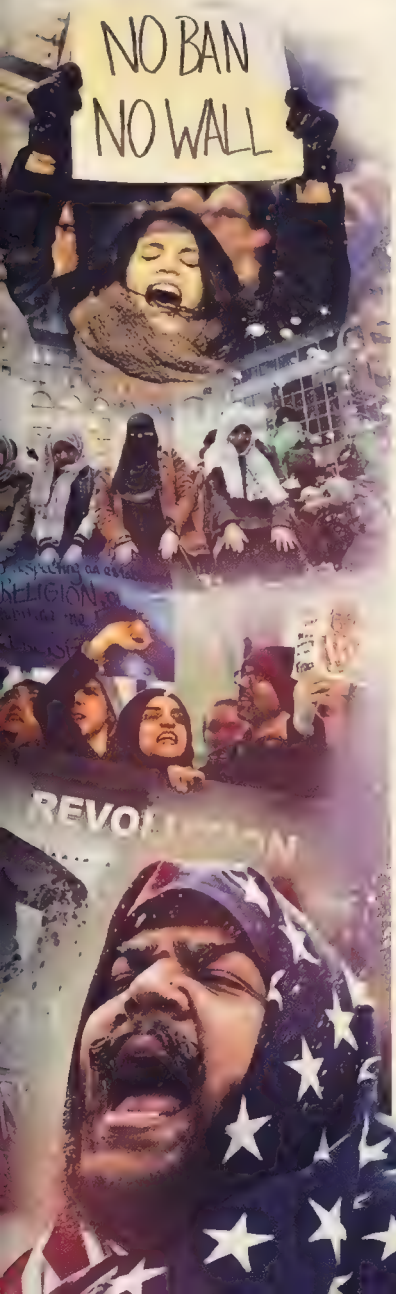
Durante a campanha e depois da posse, Trump citou a palavra "reconstrução" um sem-número de vezes. Na ótica oblíqua do novo presidente, para reconstruir é preciso destruir primeiro. Como líder máximo dos Estados Unidos, ele desrespeitou instituições e convenções internacionais. A chanceler da Alemanha, Angela Merkel, telefonou para Trump para explicar que, ao se negar a receber refugiados de guerra em seu país, o presidente rompe com a Convenção de Genebra. Do outro lado da linha, Trump ouviu Merkel até o fim, mas não voltou atrás em sua decisão. O primeiro-ministro da Austrália, Malcolm Turnbull tentou cobrar do americano o cumprimento da compromisso firmado por Barack Obama de acolher parte dos 1,6 mil refugiados que estão nas ilhas do Pacífico e ouviu como resposta apenas o som repentino do fim da ligação.

Hitler rompeu uma série de convenções internacionais, inclusive o Tratado de Versalhes, assinado pelas potências europeias no fim da Primeira Guerra Mundial e que impôs uma série de restrições à Alemanha. Entre elas, o Tratado vetava a incorporação territorial de áreas perdidas. Em 1º de setembro de 1939, o exército alemão invadiu a Polônia. Começava assim a guerra na Europa.

Em poucos dias de governo, Trump modificou mais a percepção da política externa dos EUA do que seus antecessores o fizeram em sete décadas. "Os Estados Unidos estão deixando um grande vazio de liderança após um longo período de protagonismo no mundo pós-guerra", diz Gayle Allard, professora de Economia na IE Business School, de Madrid. "Agora, alguém irá se mover para o seu lugar". A China parece se encaminhar para ocupar o vácuo deixado pelos Estados Unidos. Como a história demonstra, governos totalitários sempre elegem um inimigo número 1 para confrontar e, quem sabe, derrotar. Trump fez isso com a China, a potência global que vê como uma ameaça à supremacia americana. Aos chineses, dedicou acusações

REAÇÃO GLOBAL
Os desvarios de Trump levaram milhares de pessoas às ruas de cidades como Nova York, Londres e Paris e fizeram com que os principais líderes do planeta criticassem o novo presidente americano





como a de roubar um drone americano ou a de criar o conceito de aquecimento global somente para prejudicar a competitividade da indústria americana. Trump também criticou a política militar e cambial do país, ameaçou aplicar pesados impostos aos produtos chineses e causou um enorme incidente diplomático ao ligar para Taiwan, província considerada pela China como rebelde e não reconhecida pelos Estados Unidos há 38 anos.

O MUNDO APRENDEU A LIÇÃO?

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo mudou – e para melhor. Se as grandes potências reconhecem que foram tolerantes demais com Hitler, demorando para evitar que sua sanha expansionista ganhasse força, nos dias atuais o mundo civilizado parece ter aprendizado a lição. Desde a posse e como consequência das medidas insanas que vem adotando, Trump recebeu uma saraivada de críticas de líderes mundiais. A própria história mostra que as nações controladas por chefes autoritários vão, cedo ou tarde, sofrer danos, e não apenas no campo diplomático. A economia perde e os cidadãos do país sofrem.

Na semana passada, discutiu-se até a viabilidade da candidatura dos Estados Unidos para sediar os Jogos Olímpicos de 2024 e a Copa do Mundo de 2026. Ao impor restrições para que cidadãos de determinadas nacionalidades entrem no país, Trump põe em risco os dois maiores eventos esportivos do planeta que, afinal, pregam a integração de nações. Como um genuíno déspota, o presidente americano decidiu também perseguir a imprensa, não permitindo que jornalistas de veículos que considera adversários façam perguntas em entrevistas. Pior: seu governo forjou dados, aumentando o número de pessoas que comparecem à sua posse.

Na era nazista, Hitler fechou jornais, calou a oposição e tinha o hábito de mentir a respeito dos indicadores econômicos da Alemanha. Demorou, mas ele foi derrotado. Como legado, a Segunda Guerra dividiu o mundo em dois polos ideologicamente opostos: o capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o socialista, liderado pela União Soviética.

De que lado Trump quer colocar os Estados Unidos agora? ■

MEDIDAS EXTREMAS

As primeiras ações de Trump que assustaram o mundo

Mudanças no site da Casa Branca
O presidente retirou do ar a versão em espanhol do site da Casa Branca, que foi criada na gestão de Barack Obama. As seções dedicadas a políticas para mudanças climáticas e a direitos LGBT também foram excluídas da página

Muro no México
A construção de uma barreira física de 3.200 km na fronteira dos Estados Unidos com o México já está em andamento. Para Trump, "uma nação sem fronteiras não é uma nação". Ele quer ainda que o México pague os US$ 8 bilhões estimados para a obra

Política anti-imigração
O presidente assinou uma ordem executiva que suspende a entrada de refugiados em território americano por pelo menos 120 dias e impõe novos controles durante três meses contra viajantes de sete nações (Irã, Iraque, Líbia, Sudão, Somália, Síria e Iêmen)

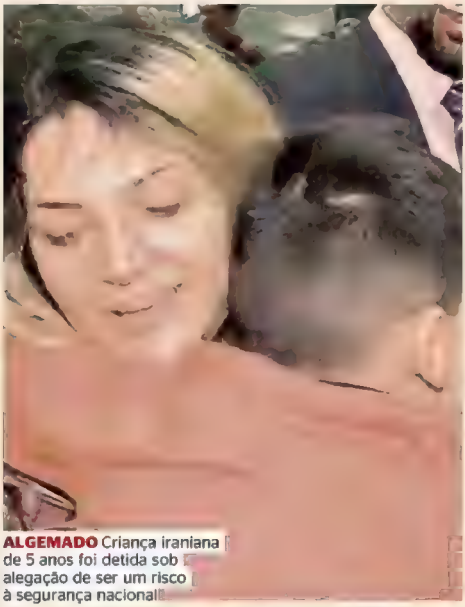
Visto para turistas, inclusive brasileiros
Os procedimentos para solicitação de visto para os Estados Unidos também foram alterados, atingindo inclusive brasileiros. Agora, obter o documento será mais difícil, com entrevistas e critérios mais rigorosos

Aborto
Trump proibiu o uso de dinheiro do governo para auxiliar grupos que pratiquem ou assessorem o aborto no exterior, uma das bandeiras da luta do movimento feminista

ELES CONSTRUÍRAM A AMÉRICA

AEROPORTO INTERNACIONAL DE LOS ANGELES, SEGUNDA-FEIRA, 30 DE JANEIRO. NA ÁREA DE DESEMBARQUE, O IRANIANO HOSSEIN KHOSHBAKHTY, QUE DEIXOU PARA TRÁS A GUERRA E AS ATROCIDADES EM SEU PAÍS, CHOROU AO RECEBER A NOTÍCIA DE QUE O IRMÃO, QUE FARIA UMA VISITA DE TRABALHO AOS ESTADOS UNIDOS, HAVIA SIDO IMPEDIDO DE ENTRAR EM SOLO AMERICANO. COM AS MÃOS NO ROSTO E A VOZ EMBARGADA, ELE QUESTIONA: "POR QUE TENHO QUE SER PUNIDO POR UM PROBLEMA QUE ENVOLVE OUTRAS PESSOAS? NÓS SOMOS PESSOAS, NÃO SOMOS GOVERNOS." HOSSEIN SE TORNOU CIDADÃO AMERICANO HÁ QUASE 20 ANOS E TRABALHA NO SETOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL. NA MESMA TARDE, NO AEROPORTO INTERNACIONAL DE DULLES, EM WASHINGTON DC, UM GAROTO DE CINCO ANOS FOI ALGEMADO, SEPARADO DA MÃE IRANIANA E DETIDO SOB A ACUSAÇÃO DE COLOCAR A SEGURANÇA DO LOCAL EM RISCO. A JUSTIFICATIVA DO GOVERNO PARA O ATO ABSOLUTAMENTE INEXPLICÁVEL? "SUPOR QUE APENAS POR CONTA DA IDADE OU DO SEXO UMA PESSOA NÃO REPRESENTARIA UMA AMEAÇA SERIA UMA IDEIA EQUIVOCADA", BRADOU SEAN SPICER, SECRETÁRIO DE IMPRENSA DO PRESIDENTE AMERICANO DONALD TRUMP. QUATRO HORAS DEPOIS, O MENINO PODE FINALMENTE SE ENCONTRAR COM A MÃE, QUE COCHICHOU EM SEU OUVIDO "FELIZ ANIVERSÁRIO", O ABRAÇOU E O BEIJOU. AINDA TEMEROSOS, AMBOS VOLTARAM PARA CASA, EM MARYLAND, ONDE VIVEM. EM NOVA YORK, O VISTO ESPECIAL DE HAMEED KHALID DARWEESH, IRAQUIANO QUE TRABALHOU POR ANOS COMO INTÉRPRETE DAS TROPAS AMERICANAS EM SEU PAÍS, NÃO O IMPEDIU DE PASSAR 19 HORAS DETIDO NO AEROPORTO JOHN F. KENNEDY NO SÁBADO 28. "SABEM QUANTOS SOLDADOS AMERICANOS CUMPRIMENTEI COM ESSAS MÃOS?", PERGUNTOU, JÁ EM LIBERDADE. TEVE FIM TAMBÉM O SONHO DO IRANIANO E CIDADÃO AMERICANO ROOZBEH ALIABADI DE SE CASAR COM A ARQUITETA ZHINOUS, QUE VIVE NO IRÃ. ANTES DA POSSE DE TRUMP, O PEDIDO DE CONCESSÃO PARA LEVÁ-LA AOS EUA FOI ACEITO. MAS AS NOVAS REGRAS IMPEDIRÃO QUE CELEBREM O MATRIMÔNIO NO PAÍS.

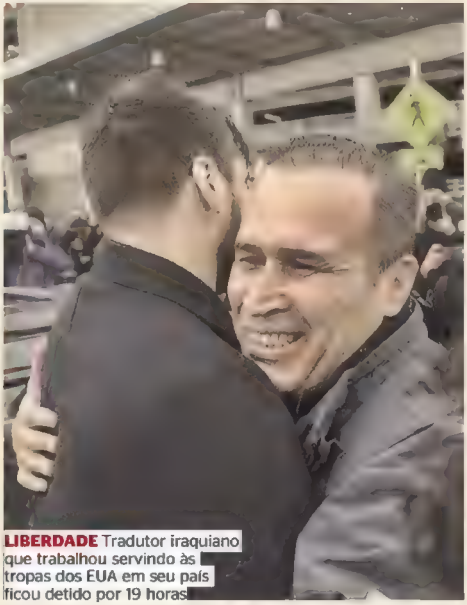
Fabíola Perez



ALGEMADO Criança iraniana de 5 anos foi detida sob alegação de ser um risco à segurança nacional

SEPARADOS Decreto de Trump impede casal de iranianos de celebrar casamento nos EUA

DESESPERO Hossein Khoshbakhty recebeu a notícia de que o irmão foi deportado para o Irã assim que chegou aos EUA



LIBERDADE Tradutor iraquiano que trabalhou servindo às tropas dos EUA em seu país ficou detido por 19 horas

FOTO: PATRICK FALLON/REUTERS

O irmão de Hossein, o menino de cinco anos, o intérprete iraquiano e a noiva iraniana foram quatro vítimas, entre as mais de cem, do decreto anunciado por Trump na sexta-feira 27. Assinado e divulgado às pressas, o documento barra a entrada de cidadãos de sete países de maioria muçulmana: Irã, Iraque, Iêmen, Líbia, Sudão, Somália e Síria. O impedimento tem duração inicial de 120 dias, mas, no caso dos sírios, o bloqueio será por tempo indeterminado.

A medida viola pelo menos seis convenções mundiais de direitos humanos das quais os EUA são signatários. Sua implementação gerou uma onda de protestos dentro e fora do solo americano. Uma das maiores manifestações ocorreu sob a Estátua da Liberdade, em Manhattan, em Nova York, símbolo de boas vindas aos imigrantes que chegam aos EUA. Em Washington, cerca de 2 mil pessoas se reuniram perto da Casa Branca. Em Boston, mais de 10 mil manifestantes se juntaram nas ruas contra o decreto. Advogados voluntários foram até os aeroportos para evitar o impedimento da entrada de pessoas que estavam com os documentos regularizados. "Temos relatos de pessoas detidas por todo o país", afirmou Rebecca Heller, diretora do Projeto Internacional de Assistência ao Refugiado.

O decreto foi repudiado pela Organização das Nações Unidas. A entidade estimou que, no período em que se propõe a vigorar, até 20 mil refugiados podem ser afetados pelas barreiras, já que os programas de reassentamento oferecidos pelos EUA ficarão suspensos. A organização alerta ainda que a política xenófoba de Trump pode levar outros países a adotarem o mesmo comportamento. "É uma medida extremista", afirma Camila Asano, coordenadora de Política Externa da ONG Conectas. "Quando a maior economia do mundo decreta uma política assim, dá força para que outros líderes endureçam suas políticas de imigração e acolhimento." A vizinha Argentina parece ter seguido a senha. Na semana passada, o governo argentino anunciou que será impedida a entrada de estrangeiros com antecedentes penais. É uma tentativa de evitar a chegada em solo argentino principalmente de bolivianos, paraguaios e peruanos. "A falsa associação dos imigrantes com a criminalidade deve gerar um sério retrocesso nos direitos humanos internacionais", diz Camila, da Conectas.

A imigração está no DNA americano. Foi com o trabalho de pessoas oriundas de vários países que os Estados Unidos foram erguidos

As novas regras devem criar empecilhos jurídicos para as viagens de dois atletas sudaneses da NBA, a liga de basquete americana. Thon Maker, do Milwaukee Bucks, e Luol Deng, do Los Angeles Lakers, podem ter problemas ao voltar ao País depois disputar partidas fora do território americano. A NBA recorreu ao Departamento de Estado em busca de uma solução. O Oscar, a festa máxima do cinema mundial, ficará sem a presença do cineasta iraniano Asghar Farhadi. Um dos diretores mais festejados da atualidade – é dele a direção do sensível e premiado "A Separação" –, Farhadi está indicado na categoria de melhor filme estrangeiro por "O Apartamento", mas não poderá entrar nos Estados Unidos.

O desatino de Trump agride a civilização. E macula uma das principais marcas da sociedade americana e da qual se origina boa parte de seu sucesso econômico: a construção de bases sólidas de crescimento a partir da força dos imigrantes. Ela está no DNA americano. Foi com o trabalho dos ingleses, irlandeses, italianos, alemães, asiáticos e de vários outros povos que migraram para lá que os Estados Unidos foram erguidos. "Não há como negar que os estrangeiros construíram a América no passado e contribuem para seu desenvolvimento até hoje", afirma à ISTOÉ o historiador e cientista político Alexander Keyssar, da Universidade de Harvard.

O caminho dos imigrantes acompanhou a evolução econômica americana. Primeiro chegaram os grupos que ajudaram no desenvolvimento

HISTÓRIA DE ACOLHIMENTO

Como evoluiu a migração

Antes de 1790
Nos séculos 16 e 17, os espanhóis prosperam na Nova Inglaterra, os holandeses em Nova York e os suecos em Delaware. Chegam escravos da África e do Caribe

1790 - 1820
Desembarcam ingleses (em maior número), alemães, escoceses e irlandeses

1820 - 1880
Ingleses, alemães e asiáticos encontram trabalho na construção de ferrovias transcontinentais

1880 - 1930
Chegam imigrantes do Oriente Médio, Europa e Canadá

1930 - 1965
Refugiados europeus fugindo da perseguição nazista, na Alemanha, e depois, da Guerra Fria, migram para a América. Entre 1956 e 1957, o país admitiu 38 mil húngaros

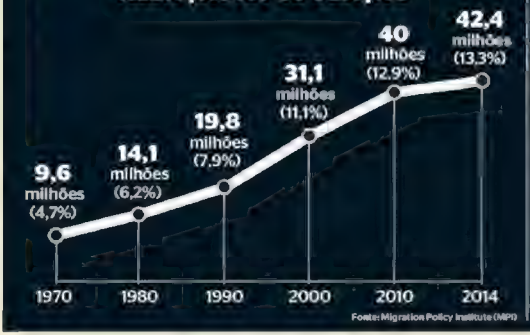
1965 - 2000
Há preferência por profissionais qualificados. A Califórnia recebe imigrantes das Filipinas, México e América Central para trabalhar no Vale do Silício

2000 - 2016
Crescem a imigrações legais e ilegais. Entre 2000 e 2002, 1,4 milhão de pessoas entrou nos EUA por ano, a maioria da América Latina e Caribe

Fonte: Ellis Island National Museum Of Immigration

TERRA NOVA Na chegada, os imigrantes eram recebidos na Ilha Ellis, onde está a Estátua da Liberdade

TOTAL DE IMIGRANTES EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO



Fonte: Migration Policy Institute (MPI)

REFUGIADOS EM 2016

Fonte: Refugee Processing Center

FOTO: APIC/GETTY IMAGES

CONTRIBUIÇÕES MULTICULTURAIS

Alguns dos estrangeiros que ajudaram a erguer a maior potência do mundo

TECNOLOGIA Pai biológico de Steve Jobs, o sírio Abdulfattah John Jandali migrou para os EUA para trabalhar

CINEMA Cineasta iraniano, Farhadi é dos diretores mais festejados em Hollywood. Mas não poderá ir à cerimônia do Oscar

POLÍTICA A muçulmana Ilhan Omar foi a primeira legisladora somali em Minnesota

das lavouras, depois no processo de industrialização. Mais recentemente, foram asiáticos e latinos que, nos anos 2000, desembarcaram na Califórnia, no Vale do Silício, levando mão de obra extremamente qualificada. Ajudaram a transformar a região em um dos maiores pólos de inovação tecnológica do mundo. Aliás, é o sírio Abdulfattah John Jandali o pai biológico do empreendedor e fundador da Apple, Steve Jobs, o americano que ajudou a revolucionar o modo como o mundo se comunica. Jandali, o sírio, casou-se com a americana Joanne Schieble. E da união nasceu Jobs, o gênio. No âmbito da política, a somali Ilhan Omar, 34 anos, integra a Assembleia Legislativa de Minnesota. Muçulmana, ela chegou aos Estados Unidos quando tinha 14 anos, após deixar um campo de refugiados do Quênia. "Essa proibição representa um pivô perigoso para o aumento do nacionalismo e espalha ideias falsas sobre imigrantes", disse à ISTOÉ. "Temos de resistir."

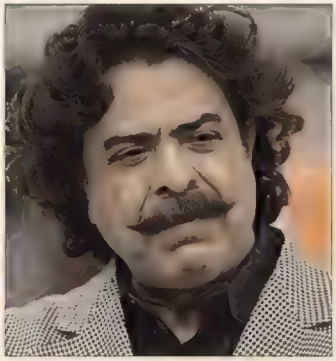
Se as fronteiras americanas estivessem controladas no século 19 da forma como decretou Trump, a embarcação que saíra da Alemanha com destino a Nova York levando seu avô, Friedrich Trumpf, teria sido impedida de atracar. Fred Trumpf, como era chamado, primeiro trabalhou em uma barbearia em Nova York. Depois, abriu uma barraca de alimentos. Além do avô paterno, a mãe de Trump, Mary Anne MacLeod, também era imigrante. Em 1912, ela deixou a ilha de Lewis, na Escócia, em direção à América. Em 1942 conseguiu a nacionalidade norte-americana. Melania, a atual primeira-dama, é natural da Eslovênia.

Caso a imigração seja ceifada da sociedade e da economia americanas - a quem está amalgamada desde a fundação do País -, a potência perderá força. "Este decreto afeta o papel de liderança dos EUA e pode resultar em um declínio do poder americano", disse à ISTOÉ Randy Capps, diretor de pesquisas do Instituto de Políticas Migratórias de Washington. "Pessoas muito qualificadas que trabalham na área de tecnologia, medicina e engenharia ficarão impedidas de entrar nos EUA", afirma. De acordo com o American Action Fórum - organização independente de pesquisas políticas e econômicas -, se todos os imigrantes sem documentos fossem expulsos dos Estados Unidos o Produto Interno Bruto seria reduzido em US$ 1 trilhão. Sem esses trabalhadores, o faturamento da indústria diminuiria entre US$ 381,5 bilhões e US$ 623,2 bilhões.

Para quase a metade da população, no entanto, números assim não exercem qualquer pressão. Uma pesquisa Reuters/Ipsos revelou que 49% dos americanos concordam com a medida anti-imigração. "Há muitos cidadãos que vêem imigrantes do Oriente Médio e do Norte da África como potenciais ameaças à segurança nacional", afirma Capps. Trata-se de um temor que recrudesceu após o 11 de Setembro, mas presente entre os americanos há longa data. No século 18, o medo era dos alemães. Décadas depois, a rejei-

Se todos os imigrantes sem documentos fossem expulsos dos EUA, o PIB do País seria reduzido em US$ 1 trilhão

ESPORTE O sudanês Maker é um dos jogadores que fazem da NBA a melhor liga de basquete do mundo



NEGÓCIOS O paquistanês Shahid Khan chegou aos EUA aos 16 anos e tornou-se um empresário bilionário

ção foi transferida para os irlandeses. E assim, cada um a seu tempo e de acordo com as circunstâncias históricas, vários foram os alvos. "Não é de hoje que há políticas de imigração discriminatórias", afirmou Alexander Keyssar, da Universidade de Harvard. "Ela s sempre figuraram em menor ou maior intensidade nos EUA."

Hoje, o sentimento anti-estrangeiros nos Estados Unidos mistura o medo do terrorismo com o pavor de perder lugar no mercado de trabalho. É a mesma tônica que rege as reações contra imigrantes também em outros países desenvolvidos, como a França e a Inglaterra. "Os moradores desses países culpam os estrangeiros por roubarem seus empregos, mas na verdade eles não aceitariam nem o salário nem as condições as quais se submetem os imigrantes", afirma Geraldo de Figueiredo Forbes, membro de análise de conjuntura internacional da Universidade de São Paulo. "Existem ondas de estigmatizações que buscam um inimigo. Já foram vietnamitas, chineses, judeus e agora são os muçulmanos."

Os processos históricos já demonstraram que, a cada vez que o pêndulo permanece em qualquer extremidade, as consequências são desastrosas. Teme-se que, dessa vez, não seja diferente. "Se essas populações agora barradas não puderem entrar nos Estados Unidos, poderão sofrer efeitos psicológicos severos", diz Capps, de Washington. "Aqueles que forem rejeitados podem se irritar e espalhar raiva e ódio contra os americanos, oferecendo uma poderosa propaganda ao Estado Islâmico e outras organizações terroristas."

Um mundo com barreiras erguidas com base na ignorância e preconceito oferece condições para o acirramento das tensões entre os povos. E medidas como a de Trump contribuem para atiçar sentimentos nocivos e apagar relações e memórias de tempos em que a construção plural foi o segredo de sociedades mais justas e igualitárias. Sem os imigrantes, os Estados Unidos jamais seriam a potência econômica que são hoje e nem de longe abrigariam a maior diversidade cultural do mundo. ■

TRATADOS VIOLADOS PELOS ESTADOS UNIDOS

Convenção de Genebra
Reúne tratados que regem o Direito Humanitário Internacional. Exige que a comunidade internacional acolha refugiados de guerra por motivos humanitários. Todos os países signatários são obrigados a cumpri-la

Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados
Estabelece que os países que recebem pessoas em situação de vulnerabilidade analisem o pedido de refúgio e não expulsem o solicitante antes de deliberar sobre o caso. O refugiado não pode ser devolvido ao país de origem se lá estiver sendo vítima de perseguição ou sofrer ameaça à vida

Convenção Contra a Tortura
Em 1984, a ONU decretou a proibição de tortura, tratamentos ou penas cruéis, desumanas e degradantes aos países que assinaram o acordo. Após decretar o bloqueio das fronteiras, Trump defendeu o uso da tortura contra suspeitos jihadistas

Convenção contra a discriminação racial
Assinada em Nova York, baseia-se em princípios de dignidade e igualdade de todos e exige dos Estados membros que promovam o respeito universal dos direitos humanos e liberdades fundamentais sem discriminação de raça, idioma ou religião

Pacto Internacional Sobre os Direitos Civis e Políticos
Firmado em 1966, determina que os estados membros garantam aos indivíduos que eles não serão discriminados por raça, cor, sexo, língua, religião, origem, situação econômica, nascimento ou qualquer condição

Declaração de Bogotá
De 1948, obriga o reconhecimento pelos estados da federação americana dos direitos essenciais do homem não por serem cidadãos de um determinado país, mas por terem atributos da pessoa humana. O documento diz que a proteção internacional deve ser a principal orientação do Direito dos Estados Unidos

FOTO: JOHN RAOUX

SR. IMPOPULAR

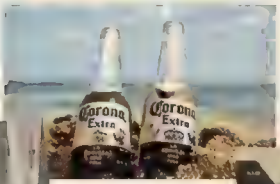
Em menos de duas semanas de governo, o novo presidente Donald Trump consegue se indispor com todos os setores da política, da economia e da sociedade internacional

Raul Montenegro

O CEO do Starbucks, Howard Schultz, disse que a rede vai contratar 10 mil refugiados em resposta ao presidente

Um abaixo-assinado apoiado por mais de 1 milhão de ingleses pede que a rainha cancele visita do presidente ao país

O presidente do Netflix, Reed Hastings, afirmou que as ações de Trump causam prejuízos à empresa e são tão não americanas que "causam dor"



Em campanha publicitária contra Trump, Corona diz que a América não é só um país, mas um continente inteiro

Uma propaganda da Aeromexico viralizou ao mostrar que fronteiras dividem pessoas, mas que nos céus elas não existem

Enquanto 2 mil funcionários protestavam, o CEO do Google, Eric Schmidt, afirmou que presidente fará "coisas más"

Presidente do Airbnb, Brian Chesky anunciou que vai prover 10 mil habitações aos prejudicados por Trump

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sentou em sua cadeira na Casa Branca há apenas duas semanas. Nesses poucos dias, o novo homem mais poderoso do planeta se indispôs com pessoas e setores de todos os matizes e nacionalidades. As esferas mais influentes da economia e da política repreenderam publicamente o empresário, às vezes com palavras duríssimas. Entre outros adjetivos, suas medidas foram classificadas de "ilegais", "caóticas", "ineficazes", "cruéis" e mesmo "más". Dos moderninhos do Vale do Silício às tradicionais montadoras automotivas. Do esquerdista francês François Hollande à direitista alemã Angela Merkel. Dos escandinavos aos árabes. Todos se juntaram para criticar o mandatário, que promove uma série de desmandos inaceitáveis como aquele que barra imigrantes de sete países aos Estados Unidos (leia reportagem à pág. 50). "Se o nível atual de antagonismo persistir, ele não vai durar os quatro anos", afirma Alexander Keyssar, professor de história e políticas públicas da Universidade de Harvard. "Vai precisar diminuir o ritmo ou os republicanos se voltarão contra ele."

Primeiro, foram as empresas. O poderoso Vale do Silício, onde estão concentradas as maiores firmas de tecnologia do mundo, rebelou-se de modo coordenado contra Trump. Muitos dos grandes líderes do setor são imigrantes. De corpo presente, o fundador do Google Sergey Brin (que chegou como refugiado da ex-União Soviética aos Estados Unidos aos seis anos) compareceu a um protesto contra Trump no aeroporto de São Francisco, no sábado 28. Dois dias depois, mais de 2 mil funcionários do buscador se manifestaram, enquanto o presidente do grupo, Eric Schmidt, declarou que o republicano fará "coisas más" ao país. Em meio a críticas de empresas como Microsoft, Netflix, Amazon e SpaceX, uma das medidas mais significativas veio do serviço de hospedagem Airbnb. Brian Chesky, CEO, disse que proverá moradias de graça para imigrantes prejudicados pelas ações de Trump. Howard Schultz, executivo da rede de cafeterias Starbucks, prometeu ajuda semelhante, anunciando que, em cinco anos, vai contratar 10 mil refugiados nos 75 países onde as lojas estão presentes.

TENSÃO EXTERNA

A indústria automotiva, que foi o símbolo máximo dos anos dourados americanos e é o emblema da nova era de empregos e prosperidade que Trump promete, não ficou atrás. A Ford afirmou que o bloqueio de refugiados vai contra os seus valores. O comunicado acontece um mês depois de a montadora desistir de abrir uma fábrica no México, o que havia sido considerado uma vitória do novo presidente. Enquanto isso, a General Motors vem resistindo à pressão para fechar sua linha de produção mexicana. Já a companhia de carros elétricos Tesla se pronunciou em oposição às medidas de Trump. Internacionalmente, a BMW desafiou o mandatário ao dizer que continuará com os planos de abrir filial no México em 2019, apesar dos alertas feitos por ele.

No México, cada declaração de Trump chega com o impacto de um abalo sísmico. Companhias do país investiram em campanhas emocionais para conquistar nacionais e latinos nos Estados Unidos. A cervejaria Corona lançou uma peça publicitária dizendo que a América não é só um país, mas um continente inteiro. Uma propaganda da Aeromexico viralizou ao defender que fronteiras dividem pessoas, mas que nos céus elas não existem. "Algumas empresas ainda estão com medo, pois Trump vai tentar retaliar", diz Keyssar. "Mas as vozes críticas estão crescendo muito."

Trump causa calafrios nas empresas porque elas se expandiram no mundo conectado pelo livre comércio. Como é legítimo a qualquer empreendimento, estão com medo de perder dinheiro. Mas as negociações entre empresários e políticos se dão em diferentes níveis. Companhias modernas, como as do Vale do Silício, possuem milhares de estrangeiros no seu quadro de funcionários. Além disso, seus consumidores médios, jovens informados, são combativos nas redes sociais e majoritariamente contrários a Trump. Portanto, não é de se espantar que elas tenham atacado o presidente pesadamente. Por outro lado, gigantes como o Google também possuem milhões de dólares em contratos públicos, e sempre investiram muito em lobby (nos Estados Unidos, a prática é permitida). No caso do buscador, as relações eram especialmente próximas à administração Barack Obama. Com a vitória da oposição, já foram reportados

Trump causa calafrios em empresas que nasceram e prosperaram na era da globalização

A chanceler alemã, Angela Merkel, precisou "explicar" a Trump o que é a Convenção de Genebra sobre refugiados

O príncipe jordaniano Zeid bin Ra'ad, comissário da ONU para direitos humanos, diz que líder tem "atitude mesquinha"

O presidente da França, François Hollande, disse que Trump deve respeitar refugiados e o livre comércio

Chris O'Neill, marido da princesa da Suécia, afirmou que o presidente é "vergonhoso" e "ignorante"

O ex-presidente dos EUA Barack Obama afirmou que valores americanos estão em risco com Trump

Para o prefeito de Nova York, Bill de Blasio, presidente manda uma "horrível mensagem" para o mundo

diversos afagos ao novo governo. A empresa deu uma festa para republicanos e sua direção se reuniu várias vezes nos últimos meses com Trump. "Essas corporações se planejaram e hoje existem de acordo com uma lógica que bate de frente com o discurso do novo presidente", afirma Terra Budini, professora de relações internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). "Mesmo assim, acho muito difícil que não haja nenhum tipo de acomodação de interesses, pois ambos os lados precisam disso."

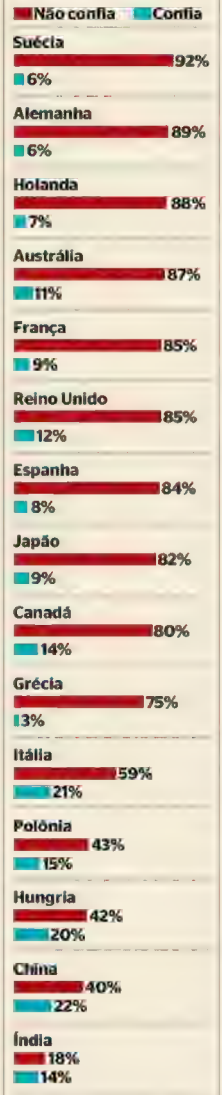
Politicamente, nunca se viu tantos líderes globais criticando abertamente o homem mais influente do mundo. Entre os países da Europa ocidental, os maiores aliados americanos, não houve quem o apoiasse. A chanceler alemã Angela Merkel colocou Trump numa posição humilhante ao declarar que precisou lhe "explicar" o que é a Convenção de Genebra. O documento exige que os estados signatários recebam refugiados por motivos humanitários. O presidente da França, François Hollande, disse que a política isolacionista do colega trará "consequências" econômicas e políticas. Até a primeira-ministra do Reino Unido, Theresa May, comparada ao mandatário americano por articular o Brexit, "discordou" de suas ações. Uma das declarações mais simbólicas veio do príncipe jordaniano Zeid bin Ra'ad, comissário da Organização das Nações Unidas (ONU) para direitos humanos. Para ele, Trump possui uma "atitude mesquinha". Na esteira das polêmicas, a nova administração prepara ordens executivas para reduzir em pelo menos 40% a participação do país na ONU e em outras entidades internacionais, segundo o jornal "The New York Times".

Dentro dos Estados Unidos a situação não é diferente. Ao mesmo tempo em que o ex-presidente Barack Obama diz que o adversário coloca em risco os valores da nação, prefeitos e governadores falam que o bloqueio a imigrantes prejudicará o próprio país. Diversas instâncias do Judiciário afirmam que a medida é inconstitucional e se preparam para anulá-la. Mais de mil diplomatas americanos assinaram um documento apresentado ao Departamento de Estado na terça-feira 31. Do outro lado da fronteira, o primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, disse que receberia os refugiados dispensados.

Carl Bernstein, o jornalista que revelou o escândalo Watergate, responsável pela queda do ex-presidente Richard Nixon, declarou em uma entrevista que até mesmo aliados republicanos têm se perguntado se Trump possui "maturidade" e "estabilidade emocional" para comandar a Casa Branca. Trata-se da própria base de sustentação do presidente no Congresso - aqueles que podem levar a cabo um impeachment. Trump conseguiu juntar contra ele esses diferentes grupos porque suas alucinações transcendem a divisão entre direita e esquerda. São ataques a liberdades individuais e o respeito ao ser humano, compartilhados por todas as colorações políticas racionais há séculos. "Os Estados Unidos sempre se venderam como modelo para o mundo livre", diz Alexandre Moreli, professor de história das relações internacionais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). "O presidente está combatendo um estilo de vida que o país vem vendendo há décadas." ■

TODO MUNDO ODEIA TRUMP

Nenhum dos 15 países acha que o presidente tomará decisões corretas na política internacional



Fonte: Pew Research Center (junho de 2016)

A internet sabe tudo de você

Expostos nas redes sociais e indefesos ao divulgar seus dados, usuários perdem a privacidade e correm sérios riscos

Ludmilla Amaral

Quem assistiu ao seriado Black Mirror, sucesso de audiência da Netflix, e considera os episódios que dissecam a sociedade contemporânea e as consequências imprevistas das novas tecnologias demasiado fantasiosos e improváveis para a nossa realidade, pode repensar a respeito. As informações pessoais de todos os brasileiros estão expostas e à venda. Na semana passada, foi descoberta uma quadrilha que oferece por R$ 4,8 mil um HD de 425 gigabytes com os dados da Receita Federal, Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), Exército e até das polícias Civil e Federal com as informações da população do País. A sede do esquema, que existe há 15 anos e abastece os ambulantes do Centro de São Paulo, fica na cidade de Teresina, no Piauí. Todos os dias, o grupo envia cerca de 350 milhões de e-mails e oferece o produto, que é despachado via Correios. Um dos integrantes da quadrilha disse que "se esses dados forem utilizados por criminosos podem se tornar uma bomba-relógio". Não há na legislação brasileira o crime de furto de dados. "Ele é enquadrado na esfera civil, não na criminal", diz Patrícia Peck Pinheiro, advogada especialista em crimes digitais. "A criminal penaliza a forma como fizeram para conseguir os dados, se foi invasão de um dispositivo ou quebra de sigilo, ou o que será feito com aquela informação, se haverá chantagem."

Apesar de parecer assustador ter os dados pessoais e financeiros fora de controle e na mão de desconhecidos, ter a vida exposta é comum na era das novas tecnologias. Muitas vezes, as pessoas disponibilizam por conta própria as informações pessoais e não percebem o quanto isso pode ser perigoso, por confiarem excessivamente na internet. Os usuários das redes sociais, como Facebook, Waze e WhatsApp, fornecem a essas empresas diariamente suas conversas privadas, contatos e localização, entre outros dados. Elas sabem tudo sobre você. "Não existe privacidade. O que existe é uma expectativa de privacidade", diz Rodrigo Tafner, coordenador do curso Sistemas de Informação em Comunicação e Gestão da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). "As pessoas usam o Facebook e acham que não pagam nada por isso. Sim, elas pagam com informação, o que as torna um produto de publicidade para a empresa. Quanto mais informação fornecem, mais caro esse produto se torna."

O NÍVEL DE EXPOSIÇÃO

Como os aplicativos e as redes sociais concentram as informações dos usuários

WhatsApp

- Há uma uma falha na criptografia do aplicativo que permite que terceiros leiam as mensagens trocadas por usuários

Facebook

- O WhatsApp compartilha as informações dos usuários com o Facebook e também sabe sua localização
- Possui o recurso "Amigos nas Imediações" que permite que a pessoa saiba onde os colegas estão

Waze

- O aplicativo que funciona como um GPS tem um banco de dados com todas as rotas realizadas pelos usuários, além de seus horários

Uber

- Como o Waze, tem as informações das rotas dos passageiros

VOCÊ PAGA A CONTA

O Waze leva qualquer um a qualquer lugar do mundo gratuitamente. Mas a empresa teve um custo alto para mapear as cidades de todos os países. E quem paga essa conta? "Ele vende informações em grupo, não individuais, para mostrar, por exemplo, como é a dinâmica das pessoas de determinada região", afirma Tafner. O WhatsApp, que anunciou a criptografia de ponta nas conversas dos usuários ao app, já mostrou ter falhas de segurança (leia quadro). Agora imagine que alguém consiga invadir o sistema e passe a chantagear as pessoas por ter tido acesso a conversas sigilosas. "É muito difícil uma pessoa se convencer que essa exposição pode causar um problema, mas isso acontece. E uma vez que algo é colocado na internet, dificilmente sairá de lá", diz Marcus Reis, especialista em segurança. Em 2015, a rede social Ashley Madison, que marcava encontro entre pessoas casadas ou comprometidas, foi hackeada, e os criminosos vazaram e usaram as informações para chantagear os usuários. Para não se expor tanto, a dica é compartilhar o menos possível informações na internet, como o número do celular, conversas privadas, fotos e manter o GPS desligado até o momento que seja realmente necessário usá-lo.

Talvez o roteirista britânico Charlie Brooker, de Black Mirror, não tenha delirado ao criar os 12 episódios da série, que já teve sua quarta temporada confirmada . "As próximas grandes guerras provavelmente estarão associadas a roubar informações e não mais ativos", diz Rodrigo Tafner. ■

"As pessoas usam o Facebook e acham que não pagam nada por isso. Sim, elas pagam com informação, o que as torna um produto de publicidade para a empresa." **Rodrigo Tafner**, coordenador do curso Sistemas de Informação em Comunicação e Gestão da ESPM.

Da glória às ruínas

Cidade brasileira que mais recebe turistas, o Rio de Janeiro convive com hotéis icônicos em completo estado de abandono. Um deles aguarda os primeiros hóspedes há 64 anos

Eliane Lobato

É difícil aceitar que a Cidade Maravilhosa, destino brasileiro preferido tanto por turistas domésticos quanto de fora do País, conviva há décadas com hotéis abandonados. Atualmente, dois esqueletos assombram as lindas paisagens cariocas. Jamais inaugurado, o Gávea Tourist, em São Conrado, se tornou uma ruína que hoje é usada apenas como paredão para a prática de rapel. O Hotel Glória, no bairro de mesmo nome, foi comprado por Eike Batista com a ideia de dar lugar a um luxuoso "6 estrelas". Desde o ano passado, acumula poças d'água que viraram berços de mosquitos em plena epidemia de dengue e zika. Na Barra da Tijuca, o suntuoso Trump Hotel funciona apenas parcialmente. É um paradoxo que o Rio de Janeiro, cidade que recebe mais de 1,5 milhão de turistas estrangeiros por ano, tenha reservado um destino tão triste a alguns de seus hotéis históricos.

Contrastando com o recente abandono, alguns desses empreendimentos viveram tempos de resplendor. O Hotel Glória, por exemplo, hospedou o físico alemão Albert Einstein (1879-1955) no quarto de número 400, em maio de 1925. O lugar também rendeu manchetes por escândalos envolvendo celebridades. Foi assim com a eterna diva hollywoodiana Ava Gardner (1922-1990). Em 1954, ela chegou ao hotel caindo de bêbada e, num acesso de fúria, saiu quebrando obras de arte. Em 2008, quando foi comprado pela EBX, empresa de Eike Batista, o Hotel Glória parecia destinado a um futuro tão ou mais nobre quanto seu passado. O plano de demolir tudo para erguer um novo hotel durou até o ano passado, quando o empresário precisou vender o prédio para o fundo de investimentos Mubadala, de Abu Dhabi. Até agora, o novo dono não revelou o cronograma de recuperação.

Já o drama do Gávea Tourist Hotel, arcabouço erguido em área protegida de Mata Atlântica há 64 anos, aguarda a autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para cumprir seu destino. Ele começou a ser construído em 1953, teve as obras interrompidas em 1972

HOTEL GLÓRIA

Construção: 1922
Onde: Glória, zona Sul
Dimensão: mais de 600 quartos, 18 elevadores, 1 teatro e 1 piscina
Curiosidade: primeiro hotel 5 estrelas do País
Abandonado: desde 2013

TRUMP HOTEL

Construção parcial: 2016

Onde: Barra da Tijuca, zona Oeste

Dimensão: 13 andares, 171 suítes com varandas irregulares e uma piscina de vidro suspensa em cima de uma boate

Curiosidade: Seria o primeiro hotel com a marca do presidente americano Donald Trump na América do Sul, mas ele saiu do empreendimento abandonado: 40% do hotel não foi concluído

GÁVEA TOURIST HOTEL

Construção: 1953

Onde: São Conrado, zona Sul

Dimensão: 13 andares, 30 mil metros quadrados de área construída

Curiosidade: Nunca foi concluído, mas um restaurante e uma boate chegaram a funcionar na década de 1960

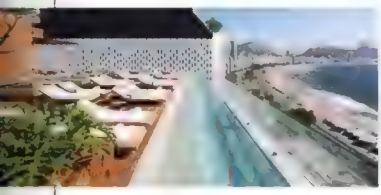
Abandonado: desde março de 1972

e foi vendido em 2011 para a GV2 Produção, que tem a intenção de reformá-lo. A inauguração estava prevista para 2020. Segundo Jamil Elias Suaiden, diretor da empresa, a burocracia impede que o projeto avance.

RECUPERAÇÃO

Depois de 36 anos vivendo na forma de escombros, o lendário Hotel Paineiras ganhou vida no fim do ano passado como Centro de Visitantes Paineiras. Inaugurado em 1884, o hotel recebeu o imperador Dom Pedro II (1825-1891). Décadas depois, seus hóspedes mais famosos seriam os craques da seleção brasileira de futebol, entre ele Pelé e Garrincha. Em 1980, o Paineiras, que pertencia a órgãos públicos municipais, foi fechado. Em 2008, passou para o controle da secretaria de Patrimônio da União até virar o atual centro cultural. Em outro caso de admirável recuperação, o Hotel Nacional, projetado por Oscar Niemeyer na orla de São Conrado, reabriu em dezembro como Gran Meliá Nacional depois de permanecer 21 anos fechado.

Na maldição de hotéis problemáticos do Rio, o Trump é o caçula. O projeto original previa que o atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, entrasse com a marca, e a empresa proprietária, LSH Barra Empreendimentos Imobiliários S.A, assumisse a obra. Em 2016, ele foi parcialmente inaugurado, e ainda não está concluído. Embora mantenha o nome, o edifício de 171 quartos com piso de mármore importado da Turquia e papel de parede holandês, não tem mais nenhuma ligação com a Trump Organization. A LSB, por sua vez, enfrenta investigação por fraude em fundos de pensão. A presidente da Associação Brasileira de Agentes de viagens (ABAV), Teresa Cristina Fritsch, acha lamentável que o Rio tenha perdido espaços e aponta alguns caminhos para devolver vida a estes lugares: "Cassinos legalizados é uma delas. Mas a principal é a recuperação econômica do Estado e do País." ■



ALTO PADRÃO COM VISTA PARA O MAR

Emiliano traz modelo de luxo e bem-estar da matriz paulistana

Na contramão dos hotéis total ou parcialmente abandonados, o Emiliano Rio abriu as portas recentemente na Avenida Atlântica, em Copacabana, no mesmo endereço onde o Consulado da Áustria funcionou entre 1927 e 2009. O prédio de 13 andares tem 90 apartamentos voltados para espetacular orla e seu inconfundível calçadão em ondas. A decoração, retrô, segue o estilo dos anos 1950 e foge do padrão das redes internacionais. O modelo é o mesmo do irmão mais velho, o Emiliano da rua Oscar Freire, em São Paulo, que se tornou uma referência de luxo e bem-estar.

FOTOS: MARCELO THEOBALD, ANA LEE, PARON, FERNANDO LEMOS - AG. O GLOBO

SANTUÁRIO Corais na foz do Amazonas: tesouro natural que precisa ser preservado. Acima, pesquisador em expedição para mapear a área

Recife de corais em risco

Uma das maiores descobertas da oceanografia brasileira, região na foz do rio Amazonas é ameaçada pela indústria do petróleo

Camila Brandalise

"Uma floresta amazônica submersa." É assim que o oceanólogo Fabiano Thompson, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), define o recife encontrado na foz do rio Amazonas. São mais de 9 mil quilômetros quadrados, área 20% maior do que a região metropolitana de São Paulo, com corais, esponjas gigantes e peixes. Thompson é um dos líderes da expedição que descobriu o hábitat marinho e agora começa a documentar a região. Para ele, a existência desse sistema ainda é uma surpresa para os pesquisadores.

Na região, a água turva, carregada de sedimentos do rio, desemboca no Atlântico, formando o que é chamado de pluma fluvial. Devido à baixa luminosidade, a fotossíntese praticamente inexiste. Mesmo assim, uma vasta biodiversidade marinha já foi registrada, tornando o recife da Amazônia uma das grandes descobertas da oceanografia brasileira. A pesquisa é recente e só 5% do ecossistema foi mapeado. Os cientistas que fazem parte do projeto, comandado pelo Greenpeace, acreditam que a partir de agora novas espécies deverão ser descobertas. Antes, é preciso vencer uma ameaça.

A área foi registrada pela Agência Nacional de Petróleo (ANP) e é objeto de rodadas de licitações de empresas que já conseguiram ou conseguirão autorização para explorar alguns blocos. "Em acontecendo a prospecção, há um risco concreto de um acidente ambiental de grandes proporções", afirma Thompson. As correntes marítimas e os sedimentos carregados pelo rio aumentam a chance de vazamentos. Um incidente desse tipo já seria uma tragédia, mas a situação pode se tornar mais dramática porque não há tecnologia para remover o petróleo em um ecossistema como o recife da Amazônia. "A área é muito sensível", diz

FOTOS: GREENPEACE

Thompson. Segundo o Greenpeace, 95 poços foram perfurados na região até agora, mas 27 foram abandonados por incidentes mecânicos. Outros foram deixados de lado por não serem econômica ou tecnicamente viáveis.

PERDA IRREVERSÍVEL

Em termos geológicos, o recife da Amazônia é uma formação recente, tendo entre 12 a 14 mil anos. Está dividido em três setores: o norte, com vasta biodiversidade de fauna, é onde estão os corais e os peixes; o central, com pluma menos espessa; e o sul, com águas mais claras. Entre as espécies desconhecidas já descobertas estão esponjas com 2 metros de diâmetro pesando mais de 100 kg, localizadas na área norte. Se a área for degradada, a perda ambiental será irreversível. Causará também estragos a vidas humanas, já que o ecossistema é importante para a sobrevivência das comunidades de pescadores ao longo da costa amazônica.

Desde que passou a vigorar o acordo de Paris, em 2016, o Brasil se comprometeu a dar máxima importância a questões climáticas. Ao evitar a exploração de petróleo na área do recife, mostrará ao mundo que está comprometido também com a preservação de seu mais novo tesouro natural. ■

NATUREZA SELVAGEM

Com 1 mil quilômetros de extensão, o recife vai da Guiana Francesa ao Maranhão. Apenas 5% do conjunto já foi mapeado

- **Área total:** 9.500 quilômetros quadrados (20% maior que a Grande São Paulo)
- **Profundidade:** varia entre 25 e 120 metros
- **Diversidade:** abriga corais, esponjas e algas calcárias
- **Riscos:** 95 poços para extração de petróleo foram escavados na região, segundo o Greenpeace

RESGATE Área das tumbas, que datam de 538 a.C.: 80 toneladas de solo foram retiradas de uma só vez

O tesouro celta

Esqueleto de sacerdotisa adornado com anéis, brincos e braceletes de ouro traz nova visão da Idade do Ferro

Raul Montenegro

Numa tumba às margens do rio Danúbio, na Alemanha, dois esqueletos permaneceram cobertos de joias por mais de dois milênios. Enterrados pela civilização celta, eles resistiram ao tempo, às inundações e aos saqueadores até serem encontrados por uma equipe da Universidade de Tubingen. Os restos mortais são de duas mulheres. Uma delas pertenceu à elite de sua época. Ricamente vestida, usava pingentes, anéis, brincos, braceletes feitos de ouro, âmbar e dentes de javali. Provavelmente uma sacerdotisa, tinha entre 30 e 40 anos. A outra, com adornos mais simples, feitos de bronze, aparentemente era sua serva. "A descoberta dessa preciosa sepultura é um elemento chave para entendermos a cronologia da Antiga Idade do Ferro", diz o arqueólogo Dirk Krausse, no artigo sobre a escavação publicado na edição de fevereiro do periódico científico "Antiquity".

JOIAS Além de ouro, foram usados materiais como âmbar e dentes de javali

A DAMA DOS CAVALOS

As escavações no complexo arqueológico onde o material estava começaram na década de 1950, mas foi só em 2005 que um estudioso descobriu a nova tumba, ao encontrar um broche dourado. Em 2010, foi montada uma operação que retirou, com guindastes, 80 toneladas de solo. O conteúdo foi analisado em laboratório. A datação de pedaços de madeira do sepulcro mostra que as duas mulheres foram enterradas em 583 a.C. Elas fizeram parte de um povo da chamada cultura de Hallstatt. A nobre provavelmente possuía alguma ligação, ainda misteriosa, com cavalos, já que vários equipamentos equestres foram achados junto com o corpo. ■

FOTOS: LANDESAMT FÜR DENKMALPFLEGE BADEN-WÜRTTEMBERG/ANTIQUITY PUBLICATIONS LTD

Gente

por Débora Crivellaro
colaborou **Camila Brandalise**

A sereia Isis

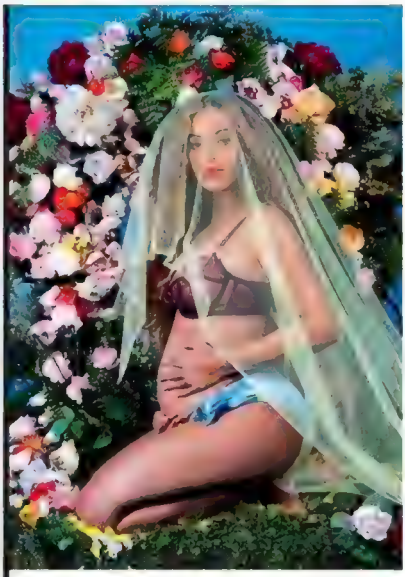
Ao olhar a foto ao lado, é difícil imaginar uma atriz mais adequada para interpretar uma sereia insinuante e sedutora do que Isis Valverde, 29 anos. A morena fará um dos principais personagens da próxima novela das 9 da Globo, "A Força do Querer", de Gloria Perez. Para representar Ritinha, uma moradora da cidade fictícia de Parazinho, no Pará, ela grava cenas em Belém e fez muitas aulas de mergulho e "sereismo". Sua personagem começa a história noiva do ator Marco Pigossi, [illegible] Flok. Deve entrar para a galeria dos tipos inesquecíveis da bela Isis.

VOLTA AO MUNDO

À frente do "É Gol", do SporTV, um dos programas de esporte mais queridinhos do público de tevê a cabo, a apresentadora Domitila Becker decidiu dar uma pausa de um ano para, segundo ela, realizar um sonho. Domitila vai tirar um sabático para viajar pelo mundo. "Foi difícil tomar a decisão, a equipe é muito boa e criamos uma identidade com o público", diz. "Mas é um desejo de muito tempo". Mostrando ser do tipo "gente como a gente", ela conta que economizou ao máximo e em tudo que podia. "Não tenho carro, só usava transporte público, e era até mão-de-vaca às vezes", diverte-se. A primeira parada é o Havaí, já no dia 4 de fevereiro. O contrato com o canal continua valendo e a apresentadora terá lugar garantido na programação quando voltar ao Brasil.

Rei do Carnaval

Em terra de axé, quem puxa bloco nos cinco dias de folia é rei. No Carnaval baiano deste ano, o único artista a conseguir tal façanha será Bell Marques, ex-vocalista do Chiclete com Banana. O bloco da antiga banda, Nana Banana, não vai nem sair por falta de patrocínio, assim como outros grupos tradicionais, o Cheiro de Amor e o Araketu. Bell vai puxar o Vumbora e o Camaleão. O Largadinho, comandado por Claudia Leitte, também sofreu baixas e cortou um dia dos três em que normalmente desfilava.



MILHÕES DE LIKES

Qualquer foto de Beyoncé ganha uma avalanche de curtidas nas redes sociais. E, convenhamos, qualquer foto de mães, mesmo as não-famosas, anunciando gravidez ganha uma enxurrada de likes, ainda que proporcionalmente ao número de amigos. Não surpreende, portanto, que a foto que a cantora americana postou na quarta-feira 1 anunciando a gravidez de gêmeos tenha sido a imagem mais curtida da história do Instagram, com cerca de 9 milhões de interações positivas. A imagem foi feita pelo fotógrafo de origem etíope Awol Erizku, e as cores, o traje e o cenário tem referências da cultura negra norte-americana.

Cannes lá vou eu

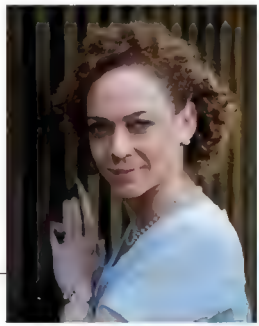
A atriz Laryssa Dias começou 2017 com o pé direito. Ela deve ir para os festivais de Cannes e Amsterdã, defender o curta-metragem À Margem de Nós Mesmos, de Leonardo Castelo Branco e Luiza de Andrade, do qual é protagonista. "Iniciei na teledramaturgia com personagens fortes que me exigiram disponibilidade total. E nesse meu primeiro filme como protagonista não foi diferente", diz. Em tempo: Laryssa também fará uma participação no próximo longa de Julia Rezende, "Como é Cruel Viver Assim", e dará vida a uma investigadora de polícia na série Metrópole, produzida pela Take a Take Films.

Sem desafinar

Ela está ficando mais conhecida do grande público por seu papel como Laila, uma cantora ambiciosa na novela das 19h da Globo, Rock Story. Mas a atriz e cantora Laila Garin é um dos maiores nomes do cenário musical brasileiro, tanto que acaba de ganhar o prêmio Cesgranrio de Teatro, em cerimônia no Copacabana Palace, como melhor atriz em teatro musical por seu papel em Gota d'Água [a Seco]. Foi Laila quem representou Elis Regina no musical da cantora, "Elis A Musical". Dizem, inclusive, que foi a única coisa boa do espetáculo.

APELIDO CARINHOSO

AMIGOS E COLEGAS DE CASA, OS DEPUTADOS JOVAIR ARANTES (PTB-GO), QUE PERDEU A ELEIÇÃO PARA PRESIDÊNCIA DA CÂMARA, E ROGÉRIO ROSSO (PSD-DF), TÊM UM JEITO CARINHOSO DE SE TRATAR UM AO OUTRO. OS DOIS SE CHAMAM DE TICO MICO, QUE É O NOME DE UM SIMPÁTICO MACAQUINHO DE UM DESENHO DA HANNA BARBERA DA DÉCADA DE 1960, "PETER POTAMUS".



CINEMA

SEDUTORA Emma Stone como ela mesma: beleza e talento para estar entre as mais poderosas de Hollywood

Garota exemplar

Por trás desse rostinho bonito há uma mente pensante. Emma Stone, atriz que aos 14 anos planejava dominar Hollywood, já levou o Globo de Ouro e o Screen Actors Guild. Só falta o Oscar

Celso Masson

Com o rosto iluminado pelos olhos verde-esmeralda que brilham como semáforos e trajando um transparente vestido preto de alcinhas, Emma Stone mostrou quem realmente é no domingo 29, durante a cerimônia de entrega do Screen Actors Guild Awards 2017, em Los Angeles. O prêmio, escolhido pelos atores de TV e cinema dos Estados Unidos, é um bom termômetro para o Oscar. Tão espontânea quanto atrapalhada, ela não conseguiu conter a euforia. Segurando a estatueta recebida pela ótima atuação em "La La Land – Cantando Estações", Emma aproveitou para valorizar o fato de ter concorrido com Meryl Streep, Natalie Portman, Amy Adams e Emily Blunt. "Todas vocês me inspiraram com seu talento e inteligência excepcionais", afirmou. Depois de recuperar o fôlego, ela provou merecer toda a admiração que tem recebido. "Estamos num momento muito

FOTOS DIVULGAÇÃO

complicado no mundo e em nosso país. As coisas estão assustadoras. Sou muito grata por estar no meio de pessoas que refletem sobre isso", disse Emma. As palavras não seriam muito diferentes se a vencedora do prêmio fosse Meryl Streep, a atriz que cutucou Donald Trump na entrega do Globo de Ouro – que premiou Emma como melhor atriz de musical ou comédia. Mais que viver seu momento como a nova queridinha do cinema, ela sabe usar a cabeça.

POWERPOINT

Nascida em Scottsdale, no Arizona, Estados Unidos, em uma família que mistura imigrantes da Suécia, Alamanha, Inglaterra, Escócia e Irlanda, Emily Jean Stone já era atriz na infância, atuando em um teatro infantil de Phoenix, capital do estado. Aos 14 anos, traçou seus planos para o estrelato. Inspirada em Madonna e nas Spice Girls, ela surpreendeu os pais com o ambicioso "Project Hollywood 2004", uma apresentação em PowerPoint dedicada a provar que ela deveria abandonar a escola para ser atriz de cinema. "Convidei meus pais para irem ao meu quarto, servi pipoca e mostrei meu projeto. Deu certo", diria ela mais tarde, lembrando que se mudou para Los Angeles em janeiro de 2004, como planejado. "Eles sempre me transmitiram a sensação de que eu poderia fazer qualquer coisa – mas nunca dizendo 'Você é o máximo'. Era mais na linha 'Vai ser um trabalho duro, mas você terá nosso apoio."

Ainda em 2014, Emma conseguiu aparecer na TV, em um reality show do canal VH1 que revelava novos talentos. Três anos depois, ganhou destaque no besteirol estudantil "Superbad: É hoje". Em 2010, como protagonista de "A Mentira", também ambientado em uma escola, já era uma estrela. Em seguida, namorou o Homem Aranha (tanto no filme de 2012 quanto na vida real). O modo como sua carreira evolui prova que o "Projeto Hollywood" não era uma brincadeira de adolescente.

"Convidei meus pais para irem ao meu quarto, servi pipoca e mostrei o 'Projeto Hollywood 2004'. Deu certo"
Emma Stone, atriz

UMA ESTRELA EM EVOLUÇÃO

A atriz que despontou em papéis voltados para o público adolescente vem construindo uma carreira marcante

LA LA LAND (2016)
Ao lado de Ryan Goslin, ela vive uma aspirante a atriz no filme que recebeu 14 indicações ao Oscar

AMOR A TODA PROVA (2011)
Mais uma parceria com Goslin, que foi indicado ao Globo de Ouro pelo papel

HISTÓRIAS CRUZADAS (2011)
Uma transição para papéis mais maduros, em filme sobre racismo e culpa

A MENTIRA (2010)
No primeiro papel como protagonista, Emma vive garota que se arrisca para ser popular na escola

Entre seus filmes prediletos estão "Luzes da Cidade", de Charles Chaplin, e produções cult da década de 1970, como "Rede de Intrigas" (1976), de Sidney Lumet, e "Manhattan" (1979), de Woody Allen. Sobre quais atrizes a ajudaram a moldar seu estilo, ela costuma citar as pouco óbvias Diane Keaton e Marion Cotillard, cuja atuação em "Piaf" Emma gostava de imitar. Uma de suas marcas registradas é a voz sedutoramente rouca, que ela atribui às crises de cólica na infância. Em "La La Land", o filme que a consagrou, ela canta, dança e interpreta com graça e leveza. Claro que a beleza conta. Em 2013, Emma ficou em quinto lugar no ranking das 99 mulheres mais desejadas do mundo feito pelo portal AskMen. Só falta mesmo o Oscar. ■

EM CARTAZ

por **Celso Masson**

CUBISTA? Desenho do cenário para "O Beijo no Asfalto": croquis com técnica de pintura

EXPOSIÇÃO

O italiano que roubou a cena

"Gianni Ratto – 100 anos" celebra a vida e a obra do diretor, cenógrafo, figurinista e ator que ajudou a inventar o moderno teatro brasileiro

O milanês Gianni Ratto (1916-2005) é dono de uma biografia que parece obra de ficção. Ele lutou na Segunda Guerra, desertou, integrou a Resistência Italiana e trabalhou ao lado da soprano Maria Callas e do compositor Igor Stravinsky como cenógrafo de óperas. Nos anos 1950, escolheu morar no Brasil, país que conhecera a convite da atriz Maria Della Costa. Figura fundamental na criação do moderno teatro brasileiro, renovou as artes cênicas em todos os campos. Sob sua direção, Fernanda Montenegro estreou como protagonista. Em 1967, inaugurou o Teatro Novo, reunindo atores, corpo de baile e orquestra sinfônica. Durante o regime militar, dirigiu espetáculos de Oduvaldo Vianna Filho e Ferreira Gullar para o Grupo Opinião – além da peça "Gota D'Água", de Chico Buarque, com Bibi Ferreira.

Parte desse trabalho pode ser conhecido a partir da terça-feira 7, na área de convivência do Sesc Consolação, em São Paulo. A exposição "Gianni Ratto – 100 anos" é montada como num palco, com objetos dispostos em painéis pendurados por cordas. São fotos, esboços, croquis, maquetes, objetos e recortes de jornal que recompõem os espetáculos para os quais ele emprestou seu talento criativo. Algumas obras vieram dos teatros Piccolo e Alla Scala, de Milão, e Dell'Opera, de Roma.

BIOGRAFIA GANHA REEDIÇÃO

Depois de ter criado uma obra que ainda hoje influencia as artes cênicas, Gianni Ratto decidiu se dedicar à escrita. Ele já passava dos 80 anos quando publicou seu primeiro livro, a autobiografia "A Mochila do Mascate", em que se apresenta como um vendedor de ilusões enquanto reflete sobre os desafios de fazer teatro. Relançado pela Bem-Te-Vi Produções Literárias, o livro combina memórias do autor a uma seleção preciosa de imagens de suas grandes encenações.

AGENDA

"CAPA EM CORES"

A primeira exposição no Brasil de imagens coloridas do húngaro Robert Capa traz 140 fotografias, incluindo retratos de Humphrey Bogart, Ava Gardner e Pablo Picasso (acima). De 7 de fevereiro a 9 de abril, no Oi Futuro Flamengo, no Rio de Janeiro.

CINEMA NOVO

Prestes a completar 90 anos e com 69 de carreira, Nelson Pereira dos Santos foi precursor do cinema novo e é o primeiro diretor de cinema imortal da Academia Brasileira de Letras. Seus filmes estão na mostra "Simplesmente Nelson", a partir do dia 9 no cine Caixa Belas Artes, em São Paulo.

"TERRITÓRIOS"

Bia Lessa se inspirou nas tramas de rendas de bilro e bordados para contar a história de artesãos de Sergipe e Alagoas na instalação que ocupa o Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro, no Rio de Janeiro, até 19 de abril.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; OLGA VLAHOU; PAULO JABUR

ARTES VISUAIS

O legado de Von Martius

Há 200 anos, Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) chegou ao Brasil com a Missão Austríaca, acompanhando a imperatriz Leopoldina em seu casamento com D. Pedro I. Botânico e ilustrador, ele catalogou em litografias 20 mil espécies vegetais do País, publicadas nos 40 volumes da obra monumental "Flora Brasiliensis". Agora, 50 paisagens produzidas por eles estão em "O mapa de Von Martius ou como se deve escrever a história natural do Brasil". Até 16 de abril no Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro.

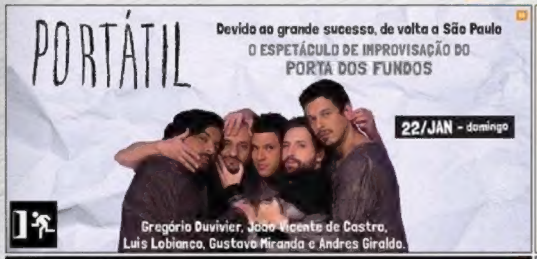
TELEVISÃO

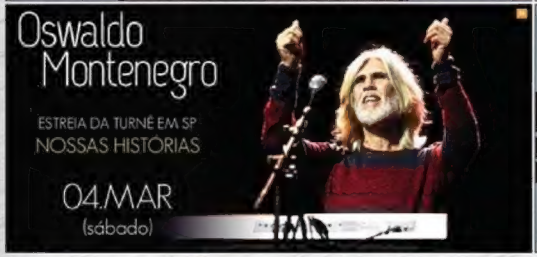
Um mundo em conflito

O fotógrafo e documentarista Gabriel Chaim viajou pelo Iraque e Síria para registrar como vive a população dos países afetados por guerras civis e pela presença do Estado Islâmico. Na série de oito episódios "Zona de Conflito", Chaim caminha por ruínas e conversa com líderes religiosos, soldados, comandantes e refugiados para mostrar o que está por trás das pessoas que lutam, das que tentam reconstruir suas vidas em meio à destruição e das que são obrigadas a deixar seus lares. No ar aos sábados pelo canal History.

Tom Brasil Apresenta

Siga e participe das nossas promoções
@grupotombrasil
@casatombrasil
#tombrasil





Apoio: ESTANPLAZA HOTELS | Estrella Galicia

Transportadora Aérea Oficial: Avianca

LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS
NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 14 ANOS
NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

Garanta seu ingresso: ingresso rápido

Todos os descontos não são válidos para meia entrada e não são cumulativos. Menores de 14 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal. A compra de mais entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada a apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 7.844 DE 13/MAIO DE 1992

Capacidade máxima = 4.000 pessoas | Alvará Prefeitura: nº 2016/00562-00 | Alvará Corpo de Bombeiros: nº 253850 Val: 04/16/2017 | R. Bragança Paulista, 1281 | www.grupotombrasil.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

Última palavra

Mentor Neto

CARECAS, UNI-VOS.

Os mitos estão caindo.
Primeiro caiu o do PT, que por anos se vendeu como o partido que iria moralizar o País.
O partido da ética.
Do Salvador da Pátria.
Caiu e ainda arrastou consigo o mito do próprio Salvador.
O operário que chegou ao poder.
"São 300 picaretas com anel de doutor", dizia ele.
Agora são 301 contando com Vossa Excelência.
Mas o fim da mitocracia não ocorreu só no Brasil.
Na Europa o Brexit derrubou o mito do bloco econômico.
Nos EUA caiu o mito do Presidente sabonete, aquele que sempre sabe ensaboar qualquer problema.
Assumiu esse falastrão.
Mas o destino é insaciável e essa semana derrubou o mito do brasileiro mais rico do mundo.
Eike está preso.
No entanto, grave mesmo é que aproveitadores tentaram derrubar junto o mito do careca.
Escutei muita gente dizer:
"Quem diria, hein? Eike não só é bandido como também é careca".
Aí não, gente.
Vamos deixar claro que o problema não é ser calvo e sim usar peruca.
Porque peruca é a prova de que o sujeito está disposto a enganar você já no primeiro encontro.
Engana primeiro a si mesmo.
Depois engana o mundo.
Sem escrúpulos.
Embaixo de uma peruca não existe pecado.
A peruca abafa a voz do senso crítico e da razão.
Imagine você se olhando no espelho, com aquela aranha estampada na moleira e dizendo: - To gato. Vamos pro camarote da balada.
Percebe?
Uma peruca, mesmo que manufaturada por marroquinas com pelos de camelo virgem, é um artefato criminoso
Uma arma de dissimulação.
Peruca acaju, inclusive, é um dos raros casos onde a lei permite eutanásia.
Existe uma enorme diferença entre o careca assumido, garboso, elegante como eu e os floridos peruqueiros.
Ou mesmo entre macho-alfa que descasca a epiderme com navalha, no que restou de cabeludo no couro, para conseguir um escanhoado digno de um Yul Brynner e esses enganadores.
O brasileiro tem dificuldade para entender os sinais.
Careca bom.
Peruca ruim.
Entende?
Mesmo as perucas históricas, como a de Andy Warhol, devem ser vista com certo resguardo.
Warhol, dizem, fixava sua peruca com velcro, imagine que horror.
Até que o resultado era divertido, mas não deixava de ser desonesto.
Já a do Eike era uma peruca maligna pura e simplesmente.

Vamos deixar claro que o problema não é ser calvo e sim usar peruca

Tornava sua imagem falsa como adolescente que enche a cueca de jornal.
Fico imaginando como a Justiça lidará com essa peruca.
Será esquecida num armário e catalogada como "evidência"?
Ou usada pelo Ministério Público como prova da acusação:
- Os senhores vejam que o acusado é uma farsa dos pés à cabeça, balançando a peruca como prova.
Independente do destino de peruca e peruqueiro acho que, agora que a casa caiu, temos de nos valer do "momentum" para extirpar essa canalhice.
É hora de declarar guerra a esses facínoras embusteiros.
Vamos seguir o exemplo de Trump e fechar os aeroportos aos peruqueiros.
Máquinas de raio X dirão se existem raízes nos folículos capilares.
Quem não tiver, já sabe: escalpo.
E mais.
Aqueles que desconfiamos, terão de provar sua inocência.

Mentor Neto é escritor e cronista

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista